# O Clube dos Rapazes do Outeiro

## Sporting Clube da Cruz

*90 anos de história da família cruzista*

Isabel Forte

S
C
C

**FICHA TÉCNICA**
**TÍTULO:** O Clube dos Rapazes do Outeiro | **AUTOR:** Isabel Forte | **EDIÇÃO:** Sporting Clube da Cruz
**IMPRESSÃO:** Diário do Porto | **CONCEPÇÃO GRÁFICA:** Fiftyeight, Lda. | **TIRAGEM:** 500 unidades
**ISBN:** | **DEPÓSITO LEGAL:** | **DATA DA IMPRESSÃO:** Maio de 2009 | **PROPRIEDADE:** Sporting Clube da Cruz

Índice

Mensagem do presidente da CMP
Mensagem do presidente da AFP
Prefácio
Introdução

Capítulo I
Os primeiros anos/Para uma contextualização histórica
1. O ano da fundação do Cruz
2. O futebol em Portugal
3. Paranhos dos "torna viagens"
4. As sucessivas mudanças da sede
5. As agremiações desportivas rivais
6. Um clube 100% bairrista
7. O espírito cruzista dos associados
7.1. Retrato da actual massa associativa
8. As primeiras direcções
8.1. A organização directiva
9. Os primeiros Estatutos do Cruz

Capítulo II
A prática do desporto
1. A aposta nas modalidades
2. O Teatro
2.1. Isto é que é um fado!
3. O Atletismo
4. O Futebol
4.1. Datas históricas da modalidade entre as épocas de 1924 e 1947
4.1.1. Época de 1924/25
4.1.2. Época de 1928/29
4.1.3. Época de 1929/30
4.1.4. Época de 1930/40
4.1.5. Época de 1940/41
4.1.6. Épocas de 1941/43
4.1.7. Um chuveiro que vinha do poço – 1943
4.1.8. Época de 1944/45
4.1.9. As falsas chuteiras e as meias de encher – 1947
4.1.10. Os jogadores forjados – 1947
4.2. Datas históricas da modalidade entre as épocas de 1950 até á actualidade
4.2.1. Uma perda nebulosa no campeonato -1950
4.2.2. Inovar com um hino – 1959
4.2.3. O "caso" do Cruz-Progresso – 1960
4.2.4. Um tijolo na cabeça do dirigente – anos 70
4.2.5. A goleada do Grijó por 6-0 – 1973
4.2.6. O "novo" caso Progresso – 1973
4.2.7. As árvores morrem de pé – 1976
4.2.8. Uma descida feita com lágrimas – 1976
4.2.9. As tropelias dos jogadores – 1983
4.2.10. O "caso" do árbitro de Canelas – 1988
4.2.11. O regresso ao topo – 1989
4.2.12. O fim dos altos e baixos
4.3. As Escolinhas

Capítulo III
O Cruz na actualidade
1. À espera da revolução urbanística

Pesquisas e Fontes de Informação

## Dr. Hélder Pereira
Presidente

Caros associados, atletas, amigos e leitores,

Quis o destino que no 90º aniversário do Sporting Clube da Cruz, comemorado no dia 19 de Maio de 2009, eu tivesse a honra de presidir à sua Direcção.

Uma bonita idade para uma instituição que muito tem feito pelo desporto, pela cultura e recreio dos seus associados e de todos quantos têm assistido e participado nas diversas actividades desenvolvidas por esta prestigiada instituição.

Desde essa data, em que a actual Direcção tomou posse, lancei como desafio para este mandato recuperar, dentro do possível, a história do Sporting Clube da Cruz. Tenho de vos confessar: jamais imaginei que a tarefa seria tão difícil.

Embora já tivesse residido relativamente próximo do Sporting Clube da Cruz, a verdade é que só passei a frequentar o Clube, com regularidade, há uns seis anos, quando o André, o meu filho, quis começar a jogar futebol. Foi por isso fácil verificar que embora a boa vontade de quem colaborava com

a instituição fosse muita, as carências eram imensamente superiores.
Comecei quase de imediato a colaborar com o Cruz, até porque ia constatando as várias necessidades existentes, desde bolas, alguns equipamentos e outros adereços e materiais que, dentro das minhas parcas possibilidades, fui adquirindo e oferecendo ao Clube. Houve ainda necessidade de realizar outra tarefa de enorme importância. Refiro-me, concretamente, à necessidade de recuperar os últimos doze anos de contabilidade, que caso não tivesse sido feita levaria à perda do Estatuto de Utilidade Pública.
Pusemos mãos à obra e, decorridos apenas noventa dias, o trabalho estava concretizado e o Estatuto recuperado.
A partir de então para cá a colaboração tem sido permanente e intensa, apenas pelo sentimento do dever de poder ajudar uma instituição que proporciona as condições possíveis para que aqueles que mais necessitam possam praticar desporto, mas também cuja função é ajudar a formar os homens de amanhã.
Apesar de o tempo de associado do clube ainda ser pouco, já desempenhei vários cargos nesta instituição. Desde Presidente do Conselho Fiscal, a Presidente da Assembleia Geral e, actualmente, Presidente da Direcção.
Mas de todos os desafios que encontramos até hoje, este é certamente o de mais difícil resolução: o de tentar reconstituir a história de noventa anos. É muito difícil, quase impossível, nomeadamente quando nos surgiu pela frente uma secretaria que simplesmente não existia, a ausência praticamente total de um arquivo e a falta generalizada de documentação.
Tal desiderato só foi possível graças ao Sr. Alcides Horta, pela recolha que fez junto da A. F. Porto e ao apoio entusiástico de alguns dos senhores associados e simpatizantes que tendo alguma documentação em sua casa fizeram o favor de a ceder para que pudesse ser consultada. É também justo aqui destacar todo o apoio que nos foi facultado pela Drª. Isabel Forte e pelo Eng.º Filipe Marques. A primeira, autora da obra, porque compilou toda a informação recolhida, a analisou e transpôs para o papel em pouco mais de uma semana: o segundo, pelo esforço e pela dedicação que fez com que em três dias efectivasse toda a paginação e preparação gráfica da mesma obra.
Espero pois a compreensão perante alguma eventual falha, mas a importância da data merece que se não deixasse passar esta efeméride sem tudo fazer para concretizar este sonho.
Faço votos para que esta seja a primeira de outras obras comemorativas dos muitos êxitos que o Sporting Clube da Cruz vai alcançando, até porque o centenário vem a caminho. E faço votos para que esta obra possa dar a conhecer às diversas entidades oficiais a necessidade urgente de apoiar uma instituição que há 90 anos vem desenvolvendo um trabalho notável que deve ser e merece ser apoiado por todos.
Parabéns, Sporting Clube da Cruz!

O Presidente da Direcção
Hélder Firmino Ribeiro Pereira

# *Mensagem do Senhor Presidente da Câmara Municipal do Porto, Rui Rio, por ocasião do 90º aniversário do Sporting Clube da Cruz*

Rui Rio (Dr.)
O Presidente da Câmara Municipal do Porto

É com enorme prazer que me associo ao 90º aniversário do Sporting Clube da Cruz, agremiação da cidade com pergaminhos a nível desportivo.

Tem sido uma preocupação do actual Executivo autárquico a promoção da prática desportiva, não só pelo bem-estar físico que proporciona, mas também pelo bem-estar social que é capaz de desencadear.

O Sporting Clube da Cruz, inserido numa das áreas carenciadas da freguesia de Paranhos, é um exemplo vivo da interacção social que a actividade desportiva pode fomentar. Foi, aliás, com esse espírito que os seus dirigentes criaram, e bem, durante este ano, as suas *escolinhas*, constituídas por miúdos provenientes, sobretudo, de alguns bairros sociais.

Estou certo, por isso, que o Sporting Clube da Cruz é um exemplo que deve ser seguido por outras agremiações desportivas da cidade. Resta-me saudar a sua presidência e actuais dirigentes, desejando o maior sucesso para o futuro do clube.

# *Mensagem do presidente da A. F. Porto*

Lourenço Pinto (Dr.)
Presidente da Associação de Futebol do Porto

As agremiações desportivas medem-se, não só pelo seu número de Associados ou simpatizantes mas também pela longa história que percorreram ao longo dos tempos e que ilustraram com feitos meritórios.

Falar do Sporting Clube da Cruz seria um desbobinar de recordações gratas que os indivíduos conservam na memória com amor, ternura e até com saudade.

Quem não recorda as partidas épicas dos jovens do meu tempo que se desenrolaram no velhinho campo do Outeiro? A história não pode ser olvidada.

Um Homem sem história é um Homem sem sentido.

Por isso o Sporting Clube da Cruz cumpriu e cumpre, com arreguenho, a tarefa meritória da formação da juventude, cultivando o harmonioso desenvolvimento do corpo e é indissociável saúde da alma no respeito pela lealdade, todo o sacrifício e solidariedade.

Agora que se apresentam dias melhores para uma colectividade tão prestigiada faço votos sentidos, não só pessoais como na qualidade de Presidente da Associação de Futebol do Porto, para que os meus anseios, se tornem realidade e garantam um futuro risonho.

Se as minhas aspirações corresponderem aos meus anseios, um futuro ridente se abre a uma colectividade em que vejo também reflectida um pouco da minha vida e todos nós sabemos que como dizia o romancista “Quem gosta semeia saudade”.

Eis o que penso e me saiu de um jacto ao engrandecer uma colectividade, hoje, como então, honesta e laboriosa.

Faço votos pelos maiores êxitos desse clube quase centenário que, actualmente, é guiado por mão firme e esclarecida de um espírito de cultura superior.

Bem Hajam!

# Introdução

## Introdução

A primeira vez que entrei no Sporting Clube da Cruz, a convite do meu grande amigo e presidente da direcção Hélder Pereira, foi num sábado de Fevereiro de 2009. Era um dia intempestivo, escuro, com cara de poucos amigos. Pedia-me o presidente, com os olhos postos nos 90 anos que o Cruz completava a 19 de Maio, se conseguiria recuperar a história de um dos clubes mais antigos da cidade do Porto, e também dos mais bairristas, perdida há imensos anos pelo caminho.

Os documentos arquivados quase não existiam, as poucas actas guardadas tinham conteúdo reduzido e pouco informativo, restava apenas uma centena de taças e troféus, uma capa com recortes de jornais amarelados, um monte de velhas fotografias espalhadas por armários poeirentos e a fé de que houvesse sócios dispostos a avivar a memória. A tarefa parecia-me bastante complicada. Recuperar 90 anos de história em pouco mais de dois meses e ainda escrever uma brochura que pudesse ser publicada no mês de Maio seria altamente inverosímil. Disse-o ao presidente.

Sem se mostrar derrotado, Hélder Pereira levou-me até junto do campo de futebol, enlameado pela chuva, onde um grupo de crianças pontapeava freneticamente uma bola, sob os gritos de incentivo de uma massa em completa euforia. Seriam pais, mães, avós, netos, primos, tios, amigos, que empoleirados num muro lançavam palavras de ânimo aos miúdos. Por vezes também alguns palavrões. Levou-me a ver os velhos balneários, o tímido posto médico, a potencial lavandaria, a arrecadação. Um conjunto tão modesto que só a frase escarrapachada na parede chamava a atenção: "*Sou forte e positivo, por isso acredito em mim*".

Mais tarde contar-me-ia Adriano Cardoso, que entrou pela primeira vez no clube com cinco anos, que o Cruz era uma família tão unida que até se faziam casamentos durante os jogos. "*Somos 100% bairristas*", vincava também o orgulhoso e antigo sócio Waldemar Azevedo.

Enquanto me transmitia os sonhos que pretendia concretizar, designadamente através da criação de infra-estruturas que pudessem receber as centenas de crianças e de jovens que residem nos bairros da periferia, Hélder Pereira ia alinhando, sobre a mesa, vários pacotes de sumo e croissant. "*Muitas vezes*", dizia, "*muitas destas crianças nem um pequeno almoço tomam em casa. Vais dar-nos uma ajuda, não vais*", questionava o presidente, certo de que não ficaria indiferente a um projecto com um cariz social tão forte.

Gostava, respondi. Quanto mais não fosse pelo trabalho dedicado e gratuito que esta direcção tem dado em prol de um projecto que considero socialmente importante, quer em termos de integração, como de desenvolvimento social e cívico, numa área tão densamente povoada e tão fortemente paupérrima, como é esta onde está localizado o Clube dos Rapazes do Outeiro. Mas era impensável, racionalizei. Por outro lado, o desafio de conseguir criar alguma coisa a partir do nada e em tão pouco espaço de tempo tornava-se absolutamente fascinante. Mesmo sabendo que, em cima do joelho, se pode cometer um ou outro erro. Era já a adrenalina a falar.

Acedi desde que, vinquei, toda a família cruzista se unisse na recuperação de todo e qualquer documento que me pudesse dar uma ajuda a reconstituir a história de um pequeno clube que, mesmo sem nunca ter apoios, tem uma alma cheia de mundo. Pelo meio teria de realizar entrevistas a sócios que ainda se lembrassem de datas e factos curiosos. Depressa começaram a aparecer recortes de jornais, fotografias, quase todas sem datas ou legendas, documentos com e sem interesse, comunicados anteriormente amortalhados em baús. No Cruz, quase todos têm um pedaço do clube em casa.

Foi com a preciosa ajuda de alguns sócios, que certamente passaram horas a basculhar nos sótãos, e do apoio da direcção, que na primeira semana de Maio consegui ter alguma coisa de palpável. O próximo passo seria escrever. Rapidamente. Tinha pouco mais de uma semana. Fosse de dia e de noite.

Fazer este trabalho foi, além de um imenso desafio, uma satisfação pessoal enorme de também eu poder dar o meu pequeno contributo a esta grande família que “do nada se fez gente”. Talvez no dia em que o clube comemore o seu centenário se possa redigir uma obra de forma mais pausada. Afinal, há cada vez mais sócios a entregar documentos que se encontravam esquecidos em casa. E talvez até nessa altura o Cruz já tenha as devidas infra-estruturas que há décadas vem a implorar. Até lá, parabéns a toda a família cruzista.

Isabel Forte

# Capítulo I

*Os primeiros anos*

## 1. O ano da fundação do Cruz

O Sporting Clube da Cruz foi fundado a 19 de Maio de 1919, na freguesia de Paranhos, no Porto, trinta anos após a realização da primeira partida de futebol em Portugal. Embora não haja conhecimento de qualquer documento oficial arquivado que o comprove, muito por consequência das sucessivas mudanças de sede e de direcções, a data de fundação foi passando de forma verbal entre os associados, de acordo com Hélder Pereira, actual presidente da direcção: "*Infelizmente, com a mudança várias vezes de sede e alguma, ou mesmo muita, desorganização no que se refere a arquivamento de papéis, de documentação e de livros de actas, muita da história do clube acabou por ser perder, ou continua guardada nas casas de antigos associados, pelo que nem sequer nos é possível, por exemplo, reconstituir fielmente todas as direcções ou presidentes que o clube já teve*".

Há também ainda certas provas documentais que poderão atestar a fundação do Cruz nessa época, como seja a sua inscrição na Associação de Futebol do Porto (foi o décimo clube a inscrever-se no organismo desde que o mesmo foi instituído), alguma documentação e recortes de jornais dispersos pelos associados e centenas de fotografias guardadas religiosamente pelos sócios, as mais antigas tiradas durante os anos 20, que testemunham a moralidade e o conservadorismo de uma época que obrigava os jogadores a usar camisa, largos calções abaixo do joelho e, por vezes, até uma boina.

## 2. O futebol em Portugal

Quando o Sporting Clube da Cruz foi fundado já o futuro desporto rei mexia a Sul, onde terá surgido pela primeira vez em Portugal, segundo vários estudos desportivos. Um pouco dispersa, a história do futebol lusitano indica que o primeiro jogo realizado no país terá sido disputado em Cascais, em Outubro de 1888. Foi organizado pelos irmãos Eduardo, Frederico e Guilherme Pinto Basto, tendo sido este último a trazer para o país, em 1884 ou 1886, a primeira bola de futebol, como recordação enquanto estudante e praticante de desporto em Inglaterra. Cinco anos depois ter-se-á disputado um novo jogo entre uma selecção dos grupos que se exibiram em Cascais e uma equipa formada por ingleses. À época escolheu-se um terreno em Lisboa, situado no Campo Pequeno, onde posteriormente foi construída a Praça de Touros, com o objectivo de propagandear o novo jogo entre a população. A realização da partida juntou tantos curiosos que rapidamente velhos e novos se tornaram adeptos ferrenhos do novo desporto. Todos queriam experimentar a sensação de dar um pontapé numa bola.

A partir desses primeiros anos começaram a surgir vários grupos e, um pouco mais tarde, os primeiros clubes de futebol. O primeiro a ser fundado terá sido o Club Lisbonense, com origem no Colégio Lisbonense, conhecido por Vilar, e que terá surgido no Inverno de 1889. Logo depois apareceram o Real Ginásio Club Português e o Carcavelos Club, este último

constituído por trabalhadores ingleses do Cabo Submarino, entre outros grupos que foram surgindo e desaparecendo quase com a mesma rapidez.

Foram no entanto os grupos escolares que contribuíram para a divulgação do futebol em termos nacionais. Mais a Norte, o desporto-rei também ganhava adeptos através da colónia inglesa e do Oporto Cricket and Lawn-Tennis Club.

O entusiasmo gerado pelo novo jogo tinha tomado tais proporções que em 1894 o Rei D. Carlos I terá decidido patrocinar a primeira partida de futebol entre as cidades do Porto e de Lisboa.

A raiz do desporto-rei seria, porém, a organização clubista. Por vontade dos clubes entretanto fundados surgiu a Liga de Football Association, primeira entidade orientadora do futebol em Portugal, que resistiu pouco tempo. A 23 de Setembro de 1910 era fundada a Associação de Futebol de Lisboa. Contudo, com o futebol a desenvolver-se em Lisboa e no Porto e também no Algarve, no Minho e na Madeira, depressa se pensou em criar um organismo que coordenasse toda a actividade no país.

Por iniciativa das três associações existentes (Lisboa, Porto e Portalegre) foi então fundada, em 31 de Março de 1914, a União Portuguesa de Futebol que, por deliberação do Congresso de 28 de Maio de 1926, se passou a denominar Federação Portuguesa de Futebol. Um organismo que passou a gerir toda a organização das provas do Campeonato de Portugal (1922-38, prova em sistema de eliminatórias para apurar o campeão nacional), do Campeonato da I Liga (1934-38, prova no sistema de todos contra todos, para estudar a viabilidade dum campeonato nacional), do Campeonato da II Liga (1934-38, prova semelhante à anterior mas aberta aos clubes de todas as associações), do Campeonato Nacional da I Divisão (desde 1938, depois duma reestruturação das provas federativas), do Campeonato Nacional da II Divisão (de 1938 a 1990, semelhante à I Divisão mas dividido por grupos geográficos), do Campeonato Nacional da III Divisão (desde 1947), da Supertaça Cândido de Oliveira (desde 1980, disputada entre o campeão nacional e o vencedor da Taça de Portugal) e do Campeonato Nacional da II Divisão de Honra (desde 1990).

## 3. Paranhos dos “torna viagens”

Quando o futebol chega a Portugal, Paranhos está em crescimento. Será, aliás, das freguesias do Porto aquela que mais cresce, graças às suas longas artérias que chamam a si o comércio, atraindo dezenas de pessoas.

A exemplo de tantas outras localidades espalhadas pelo país, também a freguesia de Paranhos começou a desenvolver-se em torno da sua igreja, construída no século X por lavradores abastados, em terrenos localizados na antiga Terra da Maia. À sua volta foram entretanto surgindo diversos casais e quintas que acabaram por gerar o nome dos lugares do

Regado, do Agueto, do Couto, da Igreja, de Lamas, de Tronco, do Carvalhido, do Vale, sítios esses já registados em 1689, ano em que residiriam em toda a freguesia pouco mais de 466 habitantes.

À medida que os anos foram passando surgiram novos lugares, como o Amial, Bouça, Cruz da Regateira, Antas, Travessa, Azenha e Cabo, estes por volta do de 1758. Existiam ainda outros lugares na freguesia, designadamente o de Casal, Fonte, Paranhos, Telheiro, Estrada, Monte Velho, Eira, Padrão, Pereira, Tojo, Aval, Cortes, Regueiras e Asprela.

Em 1837, Paranhos, que se desenvolvera na antiga Terra da Maia, passa a integrar a cidade do Porto, destacando-se quase de imediato de todas as outras freguesias rurais. Para isso muito contribuiu a formação de duas artérias, suficientemente compridas para se transformarem num pólo de atracção da população. Uma era a Rua da Rainha, actualmente Antero de Quental e Vale Formoso, e a outra a Rua de Costa Cabral.

Já no início do século XX, outras ruas da freguesia atraíam lojas comerciais, transformando-se em autênticos chamarizes de pessoas: a Rua de Costa Cabral, a Álvaro de Castelões, a Vale Formoso, a São Dinis e o Amial. Por esses anos, também, uma grande parte da freguesia entregava-se à actividade

agrícola, com casas de lavoura que criavam gado bovino que posteriormente era exportado para Inglaterra; e uma outra trabalhava nas fábricas de tecidos, de fósforos, de curtumes ou de louça de ferro.

O regresso à freguesia, no início do século XX, dos "torna-viagens" (nome dados aos emigrantes portugueses que partiram para o Brasil e de onde depois regressaram ostentando o sucesso e a riqueza), teve um peso considerável no desenvolvimento de Paranhos, devendo-se a eles a construção de dezenas de casas, lojas comerciais e diversas fábricas, infra-estruturas fundamentais para a fixação de população na freguesia.

## Dados históricos da freguesia por datas

1588 – A 25 de Junho realiza-se o primeiro assento de casamento entre Thomas Annes e Catarina Annes

1588 – A 20 de Novembro realiza-se o primeiro assento de óbito com o funeral de João da aldeia de Lamas

1597 – Realiza-se o primeiro baptismo com assento a 29 de Novembro, com o nome de André.

1689 – A localidade de Paramio passa a chamar-se, oficialmente, e pela primeira, vez Paranhos

1835 – É criada uma Junta de Freguesia que até 1910 se chamou Junta de Paróquia

1837 – A freguesia de Paranhos é integrada na cidade do Porto

1873 – É estabelecido o primeiro serviço público de transportes da Carris para Paranhos, feito por tracção animal com os "carros americanos" puxados por uma ou duas parelhas de mulas

1883 - O benemérito Conde de Ferreira (Joaquim Ferreira dos Santos) deixa no seu testamento a edificação de um hospital, no antigo Largo das Regateiras, para "alienados" na freguesia

1891 – Chega pela primeira vez a iluminação pública à freguesia, a gás

1895 - Os carros de tracção animal começam a ser substituídos por veículos de tracção eléctrica

1900 – Há 13 848 residentes na freguesia

1905 - Ano em que se registou o maior número de óbitos: 420

1919 – É fundado o Sporting Clube da Cruz

1922 – Chega a iluminação eléctrica à freguesia

1926 – Ano em que se registou o maior número de baptismos: 678

1947 – Ano com o maior número de casamentos: 194 uniões

1948 – Os Serviços de Transportes Colectivos do Porto realizam o seu primeiro serviço na freguesia

2001 – População residente: 48 686 habitantes, dos quais 22 010 são homens e 26 676 são mulheres.

## 4. As sucessivas mudança de sede

Testemunhos escritos deixados por sócios entretanto falecidos do Cruz indicam que o clube terá sido criado por um grupo de compinchas (António e José Carvalho, Joaquim Grenha, Eduardo Leite e José Pinto) que habitualmente frequentava uma típica tasca da Rua de Costa Cabral. Nesse mês de Maio de 1919, uma vez mais reunidos na "*Loja da Emilinha*", situada em frente à Rua Nova (hoje Rua Honório de Lima), o grupo desperdiçou as horas que poderia ter passado a jogar às cartas para matutar na fundação de um clube que teria de ser de bairro, popular, de cariz quase familiar, e onde os homens pudessem dar uns toques na bola. Dito e feito. O clube passaria a denominar-se Sporting Clube da Cruz e a sua primeira "sede" não oficial seria exactamente o velho Lugar das Regateiras, depois Largo da Cruz, em frente ao Hospital Conde Ferreira.

Daí até ser tornada pública a primeira sede oficial foi um passo. Iria surgir "*mesmo por cima da mercearia do Senhor Eduardo Leite*", um dos fundadores do Sporting Clube da Cruz, localizada na Rua de Costa Cabral, com a esquina da Rua da Areosa. Mas tal como todas as intempéries que abalaram os primeiros anos do clube do Outeiro, também a primeira sede acabou por dar lugar a uma outra, situada na Rua Dr Júlio de Matos, com a esquina da Viela de Lamas. Por pouco tempo. A terceira sede voltaria ao local inicial, na Rua de Costa Cabral, passando a estar localizada em frente à creche da Fábrica da Areosa. Mais uma vez ainda não seria dessa que o clube assentaria. Passou então, a quarta sede, a localizar-se pelo ano de 1948 na Rua Fonte do Outeiro, muito próximo do actual parque de jogos.

Nos anos 60, repetidamente, o Cruz regressou à Rua de Costa Cabral com a Areosa, estabelecendo-se num espaço pertencente à Associação de Socorros Mútuos. Acabaram por ser obrigados a sair indo instalar-se, provisoriamente, e pela sexta vez, no nº 537 da Rua Dr Júlio de Matos, numa casa cedida pelo sócio Arlindo Luís dos Santos. Também essa não duraria muito tempo e o clube acabou por ficar uns anos sem ter qualquer sede. Até que por fim a direcção decidiu, com a ajuda de todos, construir um pequeno espaço, que na prática só funcionava como secretaria, em terrenos do actual campo de jogos do Outeiro.

Curiosamente, nos arquivos da Associação de Futebol do Porto, quer as datas como os locais das várias sedes sociais do Cruz diferem bastante da cronologia indicada e registada pelos antigos dirigentes do clube. Na associação, por exemplo, está assinalado que a primeira sede social do Cruz foi registada na época de 1922/23, três anos após o clube ter sido fundado, no nº 161 da Rua da Cruz, local onde na verdade a agremiação foi criada. Após essa data, a sede social "oficial" foi registada por mais cinco vezes na associação: na época de 1925/26 o Cruz tinha sede social no nº 2324 da Rua de Costa Cabral; na época de 1929/30 estava localizada no nº 429 da Rua Dr. Júlio de Matos; na época de 1937/38 situava-se no nº 624 da mesma Rua Dr. Júlio de Matos; na época de 1938/39 no nº 2301 da Rua de Costa Cabral; e por fim, na época de 1939/40 encontrava-se no nº 460 da Rua Fonte do Outeiro.

## Lugar da Cruz das Regateiras

Todos os anos, no mês de Julho, a população de Paranhos honrava com uma grande festa o Senhor da Cruz das Regateiras, festejo surgido, segundo os documentos, no século XVIII. O antigo Largo das Regateiras, actual Largo da Cruz, assim se denominava porque as vendedeiras que vinham das Terras da Maia à cidade do Porto paravam neste largo para vender um conjunto de produtos caseiros, regateando preços, ao mesmo tempo que aproveitavam para cantar e dançar.

## Rua de Costa Cabral

A Rua de Costa Cabral foi, em tempos, a principal estrada que levava as pessoas da cidade do Porto até Guimarães, pelo que ficou conhecida como a Estrada de Guimarães. Sendo uma das principais artérias da freguesia de Paranhos e das primeiras a ter lojas comerciais, foi nela que foi aberta em 1882 a segunda escola na freguesia de Paranhos - a primeira tinha sido criada em 1872 - vocacionada apenas para o ensino de raparigas. Foi também nela que viveram ilustres da cultura portuguesa, como o grande escritor portuense Júlio Dinis (pseudónimo de Joaquim Guilherme Gomes Coelho), que morou no nº 323; o matemático Gomes Teixeira, professor e Reitor da Universidade do Porto, que residia no n.º 148, ou o compositor Óscar da Silva, nascido na Rua de Costa Cabral em 1870.

## 5. As agremiações desportivas rivais

Mal ainda tinha começado a dar os primeiros passos e já o Sporting Clube da Cruz via nascer, mesmo nas suas barbas, um novo rival: o Mocidade do Porto, que abria portas na Rua Dr. Júlio de Matos. Criado pelos anos 30/40, foi fundado por vizinhos "*pouco amigos*" do Sporting Clube da Cruz, recordam os sócios mais antigos.

O clube, porém, terá tido poucos anos de vida e desapareceu tão rapidamente como surgiu. Na vizinhança, contudo, continuava a existir uma mão cheia de outros tantos potenciais rivais, todos a competir, lembram os mais antigos, no Campeonato de Promoção da Associação portuguesa de Futebol: o Continental das Antas, os Vidreiros de Campanha, os Marinheiros da Boavista, o União da Foz, o Invicta de Paranhos, o Vigorosa. Sem esquecer, claro, o grande Futebol Clube do Porto, o Salgueiros e o Sport Progresso.

## 6. Um clube 100% bairrista

Está escrito num velho papel que os irmãos António e José Carvalho, Joaquim Grenha, Eduardo Leite e José Pinto, todos residentes no Outeiro, foram os responsáveis máximos pelo surgimento do Sporting Clube da Cruz. Queriam que no bairro houvesse um local onde os homens se pudessem juntar, certamente que não apenas na tasca da "*Emilinha*", para jogarem o mais recente desporto chegado a Portugal: o futebol. Todos se poderiam juntar ao clube desde que, ficou assente, se respeitasse o espírito da recém-criada família cruzista, como lembrava, em 1993, n' "O Ferróbico", Joaquim de Sousa, o "*Quim da Padeira*", então com 74 anos: "*O nosso clube nasceu da ideia de homens honestos, trabalhadores dignos e honrados. Tem vivido pela força de vontade de sucessores com a mesma postura, ideias e sentimentos e continuará certamente a viver no futuro com vindouros da idêntica fibra e propósitos*". Características muito próprias que mantinham "*mais fortalecida a união de toda esta família cruzista*". E mantinham, afiança o sócio Adriano Cardoso, hoje com 71 anos: "*Nós sempre fomos uma grande união. Éramos um povo muito unido. Veja lá que até os jogadores casavam cá. Porque as pessoas vinham ver os jogos, conheciam-se, falavam-se, namoriscavam e casavam. Era uma verdadeira família*".

De facto, reactualiza António Sales, de 73 anos, "*isto sempre foi uma malta muito unida, porque era quase tudo só cruzistas aqui da zona. Uns viviam em Lamas, outros em Monte, toda a gente se conhecia e juntava no mesmo sítio, que era no Cruz*". E também todos punham alcunhas uns nos outros, para que a família fosse completa, diverte-se hoje Waldemar Azevedo, com 74 anos: "*Tínhamos todos alcunhas. Era o Neca Bacalhau, o Sabi, o Tono Boi, o Zé Gordo, o Quim Marinheiro, o Quim Rolha…*". O "*Sufequinha*", atalha Ibraim Geraldes, 62 anos: "*Lembraste do Sufequinha?*

*Aquele que o pai tinha falta de ar*". Lembra-se sim sem senhor, responde-lhe Waldemar: "*Ainda hoje é assim. Todos continuam a conhecer-se pelas alcunhas*".

## 7. O espírito cruzista dos associados

No Cruz é difícil encontrar um sócio que não tenha sido levado para o clube por um familiar. Regra geral, são quase todos da mesma família, vizinhos do amigo do vizinho, que assim que têm o primeiro filho ou neto correm a inscrevê-lo como sócio, de forma a impossibilitar a quebra da corrente que liga a família cruzista. Ou então, o vício de assistir aos jogos com o pai, o avô ou o tio, sempre foi tão intenso, que mais tarde ou mais cedo o mais pequeno cruzista há-de também ter um cartão de adesão. E mais lá para frente, se for empenhado, há-de ser como o associado Alcides Horta, e tantos outros como ele, que aos 62 anos já fez um pouco de tudo no clube: foi presidente, dirigente, seccionista, colaborador, segurança, "*o que na altura o clube mais precisar*", encolhe os ombros.

Bruno Pereira, estudante de 19 anos,

associado com o nº 95, nado e criado em Paranhos, ainda nem abria os olhos quando a mãe o inscreveu como sócio do Cruz. Era de lei, explica: "*A minha mãe, Helena Pereira, era atleta da equipa de futebol feminino do Cruz. O meu pai, Mário Pereira, também cá era atleta. O meu avô materno, Carlos Campos, foi director. O meu avô paterno era sócio fundador da bancada. O irmão do meu pai também cá jogou. A minha família está toda aqui. Por isso, quando a minha mãe engravidou, deixou de jogar e assim que eu nasci inscreveu-me como sócio*". Bem verdade, anui o pai: "*O Bruno nasceu às 16h45, nessa noite havia reunião de direcção às 21 horas e o Bruno entrou logo como sócio*".

A única falha de Bruno é nunca ter sido atleta no clube, fugindo à tradição familiar: "*Nunca joguei cá, só pratiquei uma vez andebol. Sou sócio do Cruz por tradição*".

Foi essa tradição que em 1933, com 12 anos, fez de Joaquim de Sousa o "*rapaz das equipas*" do clube, revivia o mesmo a "O Ferróbico" de 1993: "*Depois disso ajudei o senhor Joaquim Azevedo, pai dos nossos ex-atletas Quim e Tone Bastião, na sede da Rua de Costa Cabral*". Quando já tinha 15, "*a sede mudou para a Rua Dr. Júlio de Matos, na esquina da Viela de Lamas, e também ali, porque ainda não tinha idade para ser director, ajudava a direcção daquele tempo*". De seguida, Joaquim de Sousa iniciou "*uma mais estreita colaboração com a direcção, a aprender, a praticar e a tomar a conveniente formação para vir mais tarde a integrar-me oficialmente nos corpos gerente do clube. Isso veio a acontecer então quando fiz 21 anos, porque naquele tempo, em 1942, decorria a II Guerra Mundial e só com essa idade se assumia a maioridade. Daí para diante, durante largos anos, ocupei os mais diversos lugares nos elencos directivos*". Bruno Pereira ainda não chegou a essa fase, mas talvez chegue lá.

Também Adriano Cardoso se lembra, aos 71 anos, da primeira vez que pôs os pés no clube: "*Eu não tinha mais de cinco anos. O meu falecido pai, que também jogava no Cruz, era guarda do campo e eu o rapaz das equipas. Quando os jogadores chegavam já eu lhes tinha deixado pronto o equipamento para vestirem*".

Adriano vivia na casa 61 do Beco de Lamas, muito próximo do campo do Cruz. Por isso passou muitos anos da

infância a jogar e a ver futebol no Cruz com o irmão: "*Naquela altura não havia dinheiro para bilhetes. Empoleirávamo-nos no muro e ali ficávamos pendurados a assistir, até que de dentro chegasse polícia, ou de fora a GNR a cavalo, que nos desatava a dar pancada nos dedos até que caíssemos*". Outras vezes, comenta alegre, "*fugíamos de casa às escondidas da minha mãe, que era pequena mas aguerrida e detestava futebol, e íamos para o Cruz jogar futebol, até que ela aparecia e nos escorraçava de vassoura ao alto*".

Os tempos "divertidos" de Adriano acabaram quando o pai faleceu, aos 37 anos. Tinha ele pouco mais de 12: "*Comecei logo a trabalhar nas fábricas, às escondidas, e decidi tornar-me sócio do Cruz, em memória do meu pai. Só que na altura não havia muito dinheiro. Andávamos sempre à procura de trabalho, emigrávamos, voltávamos. Por isso íamos pagando as quotas como podíamos e enquanto tivéssemos dinheiro para as pagar*". Hoje, Adriano, com 17 netos, tem um único filho "*preso ao clube*".

António Sales também já tem o neto, de 9 anos, inscrito como sócio e a jogar nas "escolinhas". Para não quebrar a tradição: "*Eu entrei como sócio tinha dez anos. O futebol naqueles tempos era uma loucura*", recorda emocionado. "*Como eu andava sempre a saltar os muros para ver os jogos, o meu pai uma vez disse-me: 'Acabou-se. Vais para sócio'*". Sim, porque pagar para ver uma partida estava fora de questão: "*Havia jogos que custavam 25 tostões e outros cinco escudos, dependia dos campeonatos. E isso na altura era muito dinheiro. Assim passei a ser sócio e a jogar nos juniores*". Bem como a assistir às sessões de pancadaria, que à época ganhavam também cada vez mais adeptos: "*Naqueles tempos é que havia porrada. Então quando eram os jogos com o Ramaldense, até na assistência andava tudo à pancada. Era uma maravilha*".

Ibraim Geraldes fez-se sócio do Cruz, juntamente com os restantes seis irmãos, tinha 8 anos. Entrou numa altura em que ainda não existiam "*cartões amarelos ou vermelhos*" e os jogadores eram expulsos do campo com a mão do árbitro a dizer "*rua*". No tempo em que não havia carros e todos iam na mesma ver os jogos, "*fosse para Avintes ou para Labruge*", a pé ou de bicicleta. Nessa época, conta, "*eu passava todas as minha férias aqui metido. Para mim isto era uma imensa família. Pintava*

## Caracterização do clube:

Cidade: Porto/Paranhos
Data da Fundação: 19/05/1919
Morada: Rua Fonte do Outeiro, 521
4200-353 Porto
Telefone: 22.5508041
Website: www.sportingclubdacruz.pt
E-mail: sportingclubedacuz@gmail.com
Número de sócios: 400 associados
Actividades desenvolvidas: Desportivas, recreativas e culturais
Actividades existentes: Futebol, Atletismo, Teatro
Actividades federadas: Futebol, Atletismo e Teatro
Número de praticantes: 158
Número de colaboradores: 18, dos quais 2 são femininos e 16 masculinos

*o campo, arrumava o campo, ajudava nos balneários, era tudo uma brincadeira*". Depois cresceu e continuou a ser sócio e a fazer um pouco de tudo no clube: "*Fui presidente da direcção, secretário, tesoureiro, guarda de campo, até chegava a levar o equipamento dos jogadores aos fornos da padaria para que secassem mais rápido para eles jogar*".

### 7.1 Retrato da actual massa associativa

O número de sócios do Cruz andou sempre em torno dos 400, entre associados pagantes e atletas, o que ainda hoje se mantém, afirma o presidente da direcção Hélder Pereira: "*No clube temos duas categorias de sócios: os contribuintes, aqueles que pagam quotas; e os atletas que estão dispensados do pagamento enquanto representarem as cores do clube. Este ano, entretanto, já procedemos à emissão de novos cartões e o número de sócios volta a ser aproximadamente de 400, 250 dos quais contribuintes e 150 atletas*".

Cerca de 80% dos associados do Cruz pertencem ao sexo masculino, são maioritariamente residentes na freguesia de Paranhos e a média etária é inferior aos 40 anos se forem incluídos os atletas e superior aos 55 anos em termos de sócios contribuintes.

Actualmente as quotas variam entre 1 € (200 escudos) e 2 € (400 escudos), se se tratar de um sócio geral ou de bancada. São valores muito próximos dos que se praticavam nos anos 80. Em 1927, como exemplo, cada associado pagava uma quota mensal de 1$50 por mês (menos de um cêntimo); nos anos 80, sessenta anos depois, a quota era de 150 escudos por mês (75 cêntimos). Em 1991 os homens começaram a pagar 175 escudos por mês (87 cêntimos) e as mulheres 125 escudos (62 cêntimos).

Hélder Pereira está convicto que o número de associados vai crescer nos próximos tempos, o que impulsionará o desenvolvimento do clube. Mas isso depende, primeiro, do local onde está inserido e dos apoios estruturais prometidos há décadas: "*O clube tem vindo a crescer no número de sócios e o facto de aqui ao lado existir uma zona habitacional desta dimensão faz com que o potencial de crescimento do Cruz, em termos de adeptos, seja enorme, desde que o mesmo esteja dotado das condições ideais*". Outro factor que poderá levar à captação de novos associados, diz, "*é a proximidade do clube com as universidades, que pode até servir como forma de rentabilizar as futuras estruturas*".

## 8. As primeiras direcções

Perde-se a conta ao longo historial de crises interinas e directivas ocorridas no Cruz. O que se sabe é que na sua base esteve sempre o dinheiro, ou, melhor, a falta dele. Nos anos 80, como exemplo, as quezílias eram tão intensas que tiveram de sair sete convocatórias para se resolver a crise directiva em que o Cruz se encontrava, simplesmente porque nenhum

dos dirigentes anteriores pretendia continuar na direcção. Só nos últimos anos a acalmia parece ter ganho raízes no clube do Outeiro.

Dos longínquos anos da fundação do Cruz é quase impossível descobrir quem esteve à frente dos destinos do clube. Muito esporadicamente surge um documento ou um papel com a indicação de um nome, quase sempre pertencente referente ao presidente da direcção.

Sabe-se, por exemplo, que em 1943/44 era presidente da direcção António Carneiro. Desde aí e até trinta anos em frente há um espaço em aberto - com excepção de 1971 em que se indica António da Silva Sales na direcção - que só encerra em 1973/74 com a direcção a ser presidida por Cruz Mesquita, a mesa da assembleia-geral por Henrique Cunha Leite e o concelho fiscal por António Teixeira.

Em 1974/75 e em 1975/76 José Cruz Mesquita comanda a direcção. Mas a 20 de Setembro de 1977, quando questionado pelo Jornal de Notícias se o clube tinha dificuldades financeiras, desabafa ao jornalista Alves da Silva: "*dificuldades talvez seja adjectivo benevolente para designar a luta constante com que nos debatemos diariamente na colectividade, pois é reduzido o número de sócios e talvez a abstenção de alguns faça com que o factor financeiro nos traga sérias preocupações.*" Como se não bastasse, nesse mesmo ano o Cruz é multado por "*tropelias*" dos adeptos em campo.

Em 1978 já Alfredo de Almeida Mendonça preside à direcção, juntamente com Joaquim Ferreira no Conselho fiscal e Henrique Rebelo Ferreira na assembleia-geral. Um novo vazio documental impede saber quem dirigiu o clube, até que a 17 de Agosto de 1988 o Festival Jornal notícia as quezílias interinas existentes no Cruz: "*Popular colectividade do Outeiro necessitou de sete convocatórias para resolver a crise directiva, porque nenhum dos dirigentes anteriores pretendia continuar, inclusivamente o presidente João Geraldo que alegou na época de 1987/88 falta de maior apoio por parte dos seus colaboradores*".

O certo é que João Geraldo acabou por presidir à direcção dessa época, com Waldemar Azevedo na presidência da assembleia-geral e Domingos Francisco da silva no conselho fiscal.

Em 1990/91 José Gonçalves ocupava o cargo de director, Waldemar Azevedo mantinha-se na assembleia-geral, para o conselho fiscal estava indicado Augusto Ribeiro. Na época seguinte, José da Conceição Gonçalves era director e Arlindo Azevedo presidente da assembleia-geral. Em 1993/94 chega à direcção Alcides Horta, que leva Manuel Loureiro para a assembleia-geral e Joaquim Fernandes para o concelho fiscal. De 1994 a 1995 é Francisco Magalhães que lidera e direcção.

Só dez anos depois, em 2006, surge informação que identifica Nicolau de Almeida como director do clube do Outeiro, enquanto Alcides Horta regressa à direcção em 2007, afirmando que pretende, de uma vez, "*acabar com as questiúnculas internas que põe as pessoas umas contra as outras com prejuízo evidente do clube*".

### 8.1 A organização directiva

Em termos de organização, os estatutos do Sporting Clube da Cruz reconhecem a existência de três órgãos de dirigentes: a mesa da Assembleia Geral, composta por três associados, cuja função consiste em convocar, dirigir e redigir as actas dos trabalhos da assembleia; a Direcção, composta por treze elementos, cuja competência é a gestão social, administrativa, financeira e disciplinar, devendo reunir todas as semanas ou sempre que o seu presidente o indique ou a maioria dos seus membros o requeira; e o Conselho Fiscal, composto por três associados, que tem por competência fiscalizar os actos administrativos e financeiros da direcção, analisar as contas e relatórios, dar parecer sobre os actos que impliquem aumento de despesas ou diminuição de receitas sociais. Em regra, o conselho tem o dever de se reunir pelo menos uma vez por trimestre ou então sempre que o seu presidente o entenda ou os restantes membros o requeiram.

Eleitos por um ano, mas com possibilidade de reeleição, nenhum dos elementos integrantes dos corpos gerentes, assim ficou definido estatutariamente, poderão ser pagos pelo seu trabalho, tal como refere o artigo 53º: "*Os membros dos corpos gerentes desempenham a sua missão gratuitamente e gozam da faculdade de ter um lugar especial nos recintos do clube*". Uma regalia que, em relação à assembleia-geral fica limitada aos elementos da mesa.

## 9. Os primeiros Estatutos do Cruz

Oficialmente, os primeiros Estatutos da Associação Desportiva "Sporting Clube da Cruz" foram registados por escritura pública no 3º Cartório Notarial do Porto, localizado na Avenida dos Aliados, nº 22, a 13 de Outubro de 1982 e publicada na III série do Diário da República, nº 264, de 15 de Novembro de 1982, com alteração parcial de estatutos a 30 de Dezembro de 1982 e publicada no Diário da República da III Série, nº 22, de 27 de Janeiro de 1983. Pela primeira vez, o SCC ficava registado oficialmente, sob a batuta de dez homens:

"No dia treze de Outubro de mil novecentos e oitenta e dois, no terceiro Cartório Notarial do Porto, perante mim José Xavier Fernandes, notário deste Cartório, compareceram os outorgantes Rogério de Almeida, residente em Bairro do Carriçal, Edifício 23-1º andar, Porto, João Ibraim do Couto Geraldes residente no Bairro Fábrica Areosa, nº 4, Porto, Alfredo de Almeida Mendonça, residente na Rua Artur Neves, nº 39, Águas Santas, Maia, Mário da Silva Andrade, residente no Bairro Fábrica Areosa, nº 15, Porto, Waldemar de Sousa Azevedo, residente na Rua da Lourinha, nº 97, Rio Tinto, concelho de Gondomar, naturais da freguesia de Paranhos, concelho do Porto, Luís Augusto Barbosa Ribeiro, natural de Galegos, concelho de Penafiel, residente na Rua Conde Ferreira, nº 63, em Pedrouços, Águas Santas, concelho da Maia, Manuel Casimiro Antunes

Neves, natural de Ermezinde, concelho de Valongo, residente na Rua Fonte do Outeiro, nº 483, cidade do Porto, José Fernando Moreira de Almeida, natural de Paranhos, concelho do Porto, residente no Bairro do Bom Pastor, Bloco 6, cidade do Porto, todos casados, Manuel José Martins de Sousa, solteiro, maior, natural de Rio Tinto, concelho de Gondomar, residente na Rua do Seixo, nº 348, em Fânzeres, Gondomar e José de Sousa Neves, divorciado, natural de Paranhos, concelho do Porto, residente na Rua Fonte do Outeiro, 475, cidade do Porto."

## Actuais corpos gerentes do SCC

**Direcção**
Presidente:
Dr. Hélder Firmino Ribeiro Pereira
Vice-Presidente Administrativo e do Património:
Eng.ª Helena Fraga
Vice-Presidente Desportivo:
António Paulo Faria Fernandes
Vice-Presidente Actividades Culturais:
Alcides Manuel Gonçalves Horta
Secretário-Geral:
Dr. Nuno Ricardo Osório de Almeida
Tesoureiro:
Baltazar José Ribeiro de Oliveira

**Directores de secção**
José Manuel Alves Jacinto da Rosa
José Claudino Pereira Flores
Maria Isabel Magina Vieira Costa
Manuel da Silva Pereira
José Barros Costa Mendes
Eng. Nélson Filipe Espírito Santo Marques
Sr. Fernando Cascalho Eugénio

**Mesa da Assembleia Geral**
Presidente:
Dr. Nicolau Joaquim Pereira de Almeida
Vice-Presidente:
Eng.º Jorge Boaventura Ferreira A. Silva
Secretário:
Vítor Carvalho

**Conselho Fiscal:**
Presidente:
Diana Filipa Moreira da Silva
Relator:
Maria de Fátima de Araújo Evaristo Eugénio
Secretário:
Joaquim Dias da Silva

A associação desportiva passaria a reger-se por um conjunto de estatutos que englobavam um total de 84 artigos. No artigo 1º, do Capítulo I, da Denominação, Natureza, Sede, Fins e Composição, podia ler-se: "*O Sporting Clube da Cruz, abreviadamente SCC, é uma associação desportiva que tem por fim a promoção do desenvolvimento moral e intelectual dos seus associados e não associados, com sede na Rua Fonte do Outeiro, 521 e parque de jogos em Paranhos, concelho do Porto.*"

Três anos após a escritura pública, o Sporting Clube da Cruz recebeu o título de Instituição de Utilidade Pública, reconhecido pela Presidência do Conselho de Ministros. Foi em 14 de Janeiro de 1986. Data que ficou carimbada em Diário da República, II Série, nº 11.

Esse reconhecimento, que conferiu ao clube o estatuto de prestador de serviços relevantes à comunidade, permitiu-lhe usufruir de algumas isenções fiscais e de redução de determinadas taxas, imprescindíveis ao funcionamento do clube.

ANEXO N.º 2

REPÚBLICA PORTUGUESA

**PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS**

*O presente diploma é conferido a* SPORTING CLUBE DA CRUZ

com sede na Rua Fonte do Outeiro, 521 - PORTO *por ter sido reconhecido(a) como pessoa colectiva de utilidade pública, nos termos do Decreto-Lei n.º 460/77, de 7 de Novembro, conforme consta do despacho publicado no «Diário da República», II série, n.º 11, de 14 de Janeiro de 1986*

*Lisboa,* 17 *de* Janeiro *de 19*86

**O Primeiro-Ministro,**

(Aníbal A. Cavaco Silva)

# Capítulo II

*A prática do Desporto*

## 1. A aposta nas modalidades

O objectivo inicial da fundação do Sporting Clube da Cruz era o de possibilitar a prática do futebol à população residente na área, sobretudo à população masculina, um desporto que tendo surgido há pouco mais de trinta anos no país já tinha ganho milhares de adeptos de Norte a Sul. Com o passar dos anos, o clube foi crescendo e esse desenvolvimento acabou por levar ao aparecimento, em meados dos anos 40, de novas modalidades. Em pouco tempo era possível praticar no Sporting Clube da Cruz desportos tão diferentes como o basquetebol, o andebol de onze, o ténis de mesa, o ciclismo, a pesca desportiva ou outros desportos mais ousados para a época como o campismo, o xadrez e, anos mais tarde, o futebol feminino. O Sporting Clube da Cruz foi, aliás, considerado dos mais modernos e audazes ao implementar e dinamizar o futebol com mulheres.

Os condicionalismos das instalações e as agoniantes dificuldades económicas de um clube tão pequeno obrigaram, no entanto, as direcções a extinguir quase todas as modalidades, com excepção daquelas que possibilitavam obter algum lucro.

Nos anos 90, refira-se, só funcionava no clube o futebol nos vários escalões, o atletismo e o teatro, modalidades que ainda hoje se mantêm, indica o presidente Hélder Pereira: "*Neste momento, pelo número de pessoas envolvidas, as actividades mais relevantes no Sporting Clube da Cruz são o futebol, que conta com seis equipas em competição, uma por cada escalão, e que no seu todo engloba cerca de 150 atletas, e o teatro que tem mais de duas dezenas de colaboradores. Temos ainda o atletismo e a consciência de que muito mais poderia ser feito, se tivéssemos também mais e melhores condições*".

## 2. O Teatro

O teatro amador é a modalidade mais jovem do Sporting Clube da Cruz. Dinamizado em 1992 pelo sócio e dirigente Alcides Horta, o Grupo Cénico estreou-se em público com a peça "*O Cruz é assim*". Mas o amadorismo inicial, a carolice e a falta de um espaço físico que possibilitasse um trabalho dignificante

acabou por lhe decretar um interregno de um ano.

O ânimo do dirigente, porém, não esmoreceu e o Grupo Cénico reapareceu ainda com mais força. Afinal, a criação da secção pretendia demonstrar que "*se o desporto é indispensável para a manutenção física, a cultura é essencial no desenvolvimento da mente e do espírito*", evidencia o actual encenador, Fernando Campos de Castro. Mesmo que a mesma se defrontasse com todo o tipo de entraves, desde a falta de meios, ao amadorismo, às dificuldades técnicas e financeiras, aos desencontros profissionais, à própria diversidade de horários dos actores e actrizes amadores.

Sem dinheiro ou apoios, o grupo só se poderia valer da coragem e da gana que sempre caracterizou a "família cruzista" e de todo trabalho que o clube desempenha há anos junto da comunidade. Mas também da Junta de Freguesia de Paranhos que lhe abriu as portas para poder trabalhar, porque encenar no meio de um campo de futebol em terra batida e ao ar livre seria completamente impossível.

Como a formiguinha, os carolas do Grupo Cénico da Cruz foram encenando com profissionalismo, primeiro com Orlando Campo Grande, depois com Manuel Paiva, com Jorge Martins, Alberto Macedo e actualmente com Fernando Campos de Castro, as peças "*O Porto é assim*", "*Estamos doidos ou quê?*", "*O cais da solidão*", "*Vidas à moda do Porto*", "*Vamos à bruxa*", entre tantas outras. E com isso ganharam amigos, entusiastas, audiências, convites e prémios. Em 2000, convidado para participar no Festival de Teatro de Revista, a decorrer no Teatro Sá da Bandeira, no Porto, o Grupo Cénico da Cruz arrecadou o primeiro prémio e a Taça Troféu da Câmara Municipal do Porto, tendo sido considerado o melhor grupo de teatro amador em Revista à Portuguesa.

Desde o início que o teatro de Revista foi a grande aposta do grupo, até porque também sempre foi um género com imensa popularidade entre a maioria dos portugueses. A sátira bem-humorada e ritmada aos usos e costumes da sociedade lusitana, misturada com comentários cáusticos e muitas vezes até picantes, sobre os problemas que afligem quotidianamente o cidadão, são no teatro de Revista expostos em cima de um palco, com o objectivo de puxar vigorosas gargalhadas e deixar que o público se ria não só de si, como

## O Encenador

*Fernando Campos de Castro*

O encenador do Grupo de Teatro do Cruz, o quinto desde que o grupo foi criado, nasceu em Lever, Vila Nova de Gaia, a 27 de Agosto de 1952. Representado em diversas antologias poéticas, entre as quais uma antologia internacional de poesia de língua portuguesa, foi também o responsável pela selecção de poemas de outras duas antologias publicadas pela Associação de Escritores de Gaia, da qual foi, aliás, sócio-fundador. Foi de igual modo responsável, juntamente com Júlio Couto, pela antologia O Porto em Poesia, editado pela Junta de Freguesia de Paranhos. Organizou e participou em dezenas de saraus de poesia, declamando poemas também da sua própria autoria.

*foi criado, o Grupo de Teatro do Cruz pretendia trabalhar e divulgar um tipo de teatro que se aproxima-se mais do grande público*", esclarece Fernando Campos de Castro. Designadamente "*daquele que não tem possibilidades de aceder às grandes salas, nem muitas vezes compreender o outro género de teatro*".

O objectivo foi conseguido. Actualmente, o Grupo Cénico da Cruz quase não tem mãos a medir para tantos convites que recebe para actuar em câmaras, associações, auditórios, bibliotecas, juntas de freguesia, instituições de solidariedade social e teatros de toda a Área Metropolitana do Porto, mas também de toda a zona Norte e Centro do país. Com uma curiosidade: as salas estão sempre lotadas.

### 2.1 Isto é que é um fado!

A mais recente peça do grupo de teatro do Sporting Clube da Cruz, "*Isto é que é um Fado*", volta a enquadrar-se no teatro de Revista de forma a chegar mais facilmente ao grande público. A nova peça, explica Fernando Campos de Castro, é mais uma sátira ao cinzentismo português: "*Quando alguma coisa na vida corre mal, costumamos ouvir em qualquer canto e ocasião 'Isto é que é um fado',*

*ou seja, isto é que é um raio de destino. Afinal, o destino português de que tanta vez se falou e fala na nossa história comum*". Ora, tendo por base esta situação, Campos de Castro decidiu recriar o quotidiano português, criticando "*com acutilância, mas muita graça, o facto de Portugal ser um país que importa quase tudo o que consome, perante a letargia dos nossos governantes e empresários, face à constante avalanche de produtos chineses, e não só, no nosso mercado*". E porque "*a alegria é um bem precioso*", remata, "*não deixaremos também de aflorar a vida das pessoas famosas, da política, da nossa religião, dos nossos usos e costumes, e de muitas outras situações comuns a qualquer mortal*".

Durante cerca de duas horas e ao longo de dois actos a nova revista do Grupo C, composta por 18 quadros com bailados, cantigas e fado, parodia "*construtivamente*" as vidas e as diversas situações do dia a dia do cidadão anónimo, mostrando, com divertimento, muitos dos seus fantasmas e frustrações perante a vida.

**Ficha Técnica:** Fernando Campos de Castro (Textos e encenação), Raquel Colho e Vânia Santos (Coreografia), Vítor Jorge (Música), Rosa Branca, Artur Silva, Paula Correia, José Fernando, Raquel Correia, António Loureiro, Vânia santos, Jorge Martins, Patrícia Silva e André Coelho (Elenco), Joana Loureiro, Vânia Santos, Bruna Santos, Beatriz Pinto e Vera Coelho (Bailarinas), Artur Silva e Vítor Miranda (Aderecistas), Branca Amarante, Maria do Céu e Palmira loureiro (Costureiras), Firmino Morais, Hugo Silva, Alberto Vilela e Silvino (Técnicos), António Lima e José Manuel (Cenografia), André Loureiro (Técnico de Cenários).

## 3. O Atletismo

Esta modalidade surgiu e foi extinta por diversas vezes no Sporting Clube da Cruz, tendo sido revitalizada por um grupo de carolas em 1987. O sócio e antigo dirigente Manuel Loureiro, entretanto falecido, e Luís Castro, actual responsável pela secção, foram os grande impulsionadores da modalidade fazendo com que, em Maio de 1988, a secção se apresenta-se ao público participando na prova do Centenário do Jornal de Notícias, que decorreu entre a Rotunda da Boavista e a Câmara Municipal do Porto. No domingo a seguir, a mesma secção arrecadou o seu primeiro grande troféu no Grande Prémio S. Vítor, com chegada e partida da Junta de Freguesia Bonfim.

O ressurgimento do Atletismo contribuiu, em finais dos anos 80 para um maior prestígio do Cruz, com a conquista de dezenas de prémios. Nessa altura a secção era composta por doze atletas activos, um monitor técnico e um seccionista, filiados pela primeira vez na Associação de Atletismo do Porto. Hoje, a modalidade conta apenas com uma equipa de veteranos, um dos quais, Ancélio Mendes, campeão nacional de meia maratona no escalão etário de 70 anos. O objectivo é que na próxima época se possa retomar a secção com equipas mais jovens.

## Palmarés

Ao todo, o palmarés da secção nos escalões de formação de seniores, juvenis, iniciados e infantis, contempla um vasto conjunto de troféus, designadamente:
Campeão da zona norte/distrital em infantis e iniciadas femininas em provas de corta mato;
Quinto lugar do mesmo escalão no campeonato nacional de corta mato, realizado no parque da cidade do Porto;
Participação, em juvenis femininos, no campeonato nacional de corta mato em Marvão, Portalegre;
Torneios de pista coberta (Braga) e pista ao ar livre (Maia), tendo a atleta Elisabete Silva sido seleccionada para um estágio da Associação de Atletismo do Porto;

Pelo Cruz realizou nove edições do grande prémio de Atletismo e contribuiu com a ajuda logística e apoio técnico na corrida da amizade da paróquia da Areosa.

## Departamento técnico

Luís Castro é o responsável pela secção de Atletismo. Nascido em 29 de Novembro de 1959, é treinador habilitado com a carteira de treinador de formação e de 3º grau da Federação Portuguesa de Atletismo.

## 4. O Futebol

O futebol foi a primeira grande modalidade do Sporting Clube da Cruz, com as peladinhas a jogarem-se, inicialmente, nos campo da Rua Nova, de Curais e da Flores, numa época em que ainda eram os jogadores quem transportavam as balizas às costas para dentro do campo.

Depressa o clube oficializou a modalidade, inscrevendo-se no Campeonato de Promoção da Associação de Futebol do Porto, onde se filiou na época de 1922/23 com o nº 2102. Na prática, o Cruz foi o 10º clube a inscrever-se neste organismo. Pouco tempo depois da Federação Portuguesa de Futebol ter sido fundada, o Cruz também pediu a filiação, tendo ficado inscrito com o nº 1058.

No cômputo geral, a modalidade conquistou dois campeonatos da 3ª divisão distrital da Associação de Futebol do Porto, dois campeonatos de reservas da mesma associação, uma taça de reservas e uma super-taça de reservas, um campeonato da 2ª divisão distrital da Associação de Futebol do Porto, disputou jogos na II e III divisões nacionais e por vários anos esteve na I divisão distrital e no campeonato nacional de juniores e juvenis (fases de apuramento). Na década de 80, juntamente com o Boavista, foi um dos clubes pioneiros do futebol feminino em Portugal.

### 4.1 Datas históricas da modalidade entre as épocas de 1924 a 1948

Entre 1924 e 1948, dada a falta de outro tipo de registo escrito ou verbal, é a Associação de Futebol do Porto quase a única fonte de informação que permitir conhecer de forma

mais fiel o quotidiano desportivo do Sporting Clube da Cruz. Analisados os arquivos, observa-se que nessa época o clube do Outeiro já mexia com toda a sociedade desportiva.

### 4.1.1. Época de 1924/25

Era a primeira vez que o Cruz participava num campeonato de promoção, tendo de imediato ficado seleccionado para o apuramento do campeão da competição. Naqueles tempos jogava-se para o campeonato distrital da 1ª divisão (seis equipas) ou para o campeonato distrital da 2ª divisão. Ora, todas as equipas que entrassem de novo teriam de passar primeiro pelo campeonato de promoção.
Nessa época, o Cruz entrou na 2ª série, tendo como concorrentes em primeiras categorias o Arrábida FC e o Majestic SC, clubes com os quais voltou a jogar já em reservas. Em primeiras, o Cruz acabou em segundo lugar com quatro jogos, uma vitória, um empate e duas derrotas, totalizando três pontos. Em reservas ficou em último lugar, com uma vitória e três derrotas, totalizando um ponto.

### 4.1.2. Época de 1928/29

Durante esta época a Associação de Futebol do Porto iniciou a distribuição de percentagens das receitas pelos seus clubes filiados. Ao Cruz calhou a atribuição de um total de 640 escudos, repartidos da seguinte forma:

| | |
|---|---|
| Campeonato da Promoção | 341,86 escudos |
| Campeonato de Portugal | 25,08 escudos |
| Jogos Inter Cidades | 50,42 escudos |
| Propriedade de Campo | 93,18 escudos |
| Percentagens atrasadas | 129,47 escudos |
| Total recebido | 640,01 escudos |

Foi também nestes anos que Avelino Andrade, guarda-redes do Cruz, jogou na selecção de jogadores apurados para a partida entre Porto e Lisboa a contar para o campeonato de promoção.
No campeonato de promoção dessa época o Cruz concretizou doze jogos em primeiras, obtendo cinco vitórias, três empates e quatro derrotas, tendo ficado em quarto lugar com 25 pontos. De igual modo, o Cruz entrou pela primeira vez no campeonato de Portugal, tendo na primeira eliminatória afastado o Luso AC, com o resultado favorável de 2-1. No entanto, acabou excluído pelo Progresso, na segunda eliminatória, ao perder por 4-0.

### 4.1.3 Época de 1929/30

No campeonato da promoção da época o Cruz participou com três equipas nas primeira, segunda e terceira categorias. Em primeira realizou dez jogos, teve quatro vitórias, dois empates e quatro derrotas, ficando no terceiro lugar com 20 pontos. Em segunda fez dez jogos, teve três vitórias, um empate e seis derrotas, ficando em quinto lugar com 16 pontos, um dos quais perdido por não ter comparecido a um jogo. Já em terceira categoria efectivou sete jogos, vencendo por duas vezes, empatado por uma e sendo derrotado quatro. Acabou em terceiro lugar

com 15 pontos, ao ganhar mais três pontos decorrentes da suspensão de um dos seus adversários. No campeonato de Portugal o Cruz foi eliminado logo à primeira pelo seu rival Progresso, tendo perdido por 7-0.

### 4.1.4 Época de 1930 a 1940

O Cruz sobe na época de 1930/31 à 2ª divisão distrital ao ganhar o segundo lugar no campeonato da promoção. E na época seguinte, 1932/33, é contemplado com a primeira categoria, também denominada categoria de honra, do campeonato de promoções, organizado com sete equipas, sendo o primeiro lugar ocupado pelo Desportivo de Portugal. Sem grandes emoções o Cruz fez de forma suave as épocas de 1933 a 1940.

### 4.1.5. Época de 1940/41

2ª divisão distrital. O Cruz consegue o seu primeiro título ao tornar-se campeão de reservas, para gáudio da família cruzista. Na categoria de honra ocupou o segundo lugar, na final do campeonato de reservas venceu o Candal por 5-1 e 4-3. O feito ficou registado solenemente nas actas da Associação de Futebol do Porto: "Ao SC Cruz, vencedor do Candal nos dois jogos de apuramento de campeão da categoria, é adjudicado este título, de acordo com o Parecer do Conselho Fiscal e Jurisdicional, segundo o qual a inclusão, por aquele, de jogadores com mais de 5 jogos oficiais na primeira categoria não constitui motivo de aplicação do Artº 258º do Regulamento Geral".

### 4.1.6. Época de 1941/43

José Almeida, sócio do Cruz, é eleito para a direcção da Associação de Futebol do Porto como director efectivo na época de 1941/42, quando o Cruz entra pela primeira vez no campeonato nacional de juniores, onde ficou em último da série, com apenas dois pontos. Na época seguinte, 1942/43, o clube mantém-se no campeonato nacional de juniores, mas sem resultados inovadores. Em 1943/44 a única novidade com relevo para o clube é que o seu atleta Cruz Martins Ribeiro é convocado para jogar na selecção B da 1ª divisão contra a selecção da 2ª divisão.

### 4.1.7. Um chuveiro que vinha do poço - 1943

Nos anos 40, num clube tão bairrista e pequeno como era o Cruz, seria um luxo uma associação desportiva ter balneários com água quente. No Cruz não havia nada dessas modernices. Havia apenas baldes de água fria, como recordava a "O Ferróbico" Joaquim de Sousa, nascido a 15 de Agosto de 1921 na freguesia de Paranhos, a história caricata que tirou a vida ao seu irmão Manuel, o conhecido Manuel da Padeira: "*Embora me choque profundamente vou recordar essa tragédia. Tinha 23 anos e já era director do clube oficialmente. O presidente da direcção era o senhor António Carneiro, hoje também*

*falecido. Tínhamos um jogo de primeiras categorias no nosso campo com o Rio Ave, isto em Dezembro de 1943 ou Janeiro de 1944, e precisávamos que o meu irmão jogasse. Ele estava gripado, mas quis jogar*".

Joaquim de Sousa foi a casa e, "*às escondidas dos nossos pais, fui buscar as botas para ele poder jogar. E jogou*". O problema, lembra, é que "*naqueles tempos os balneários não tinham água quente, nem as condições actuais. A água era fria, quase gelada, porque era trazida directamente do poço próximo, em baldes*". Enchia-se o depósito "*e era assim que os atletas tomavam banho*". Ora, o Manuel jogou a peladinha como todos os outros e também como todos os outros, no final, tomou o seu duche. "*Foi para casa, piorou, resultando-lhe uma pneumonia a gripe que tinha, vindo a falecer em Fevereiro de 1944*".

Bem se lembra disso Waldemar Azevedo: "*O Manuel Azevedo, que foi jogador dos seniores, morreu de pneumonia por ter tomado banho de água fria. Não havia mais nada na altura. Havia só aquele latão em cima do telhado, com uma mangueira ou um regador, onde nós tomávamos banho, fizesse chuva ou sol*".

Um latão que terá passado pouco depois a um "luxuoso" depósito de água, garante Adriano Cardoso. Muitas vezes foi com o pai, Manuel Cardoso, que era guarda do campo, foi buscar água para os jogadores tomarem banho: "*Os balneários tinham um depósito de água quadrado e o meu falecido pai ia com um caneco, e outras vezes com regador, buscar a água ao fontanário, que ficava na Rua do Outeiro, para o encher. O que nos obrigava a muitas idas e vindas. Por vezes, ainda estavam todos a jogar e nós os dois já andávamos a carregar a água para no fim do jogo os jogadores poderem tomar banho*". Naquele tempo, diz com uma gargalhada, "*as coisas eram mais divertidas. Hoje os jogadores só querem relva e eu, Adriano, com uma sachola, ajudava o meu pai a rapar a erva do campo*".

### 4.1.8. Época de 1944/45

Para a direcção da Associação de Futebol do Porto entra como director substituto o sócio do Sporting Clube da Cruz Ernesto Alves Pereira. Nesta época, a contar para o campeonato distrital da 2ª divisão, série A, o Cruz fica em sexto lugar com 16 pontos e quarto lugar em primeira categoria e em reservas, com 17 pontos. Já na disputa da fuga ao último lugar que dava a descida de divisão, o Cruz venceu o Rio Ave por 5-2, tendo na segunda partida empatado por 3-3, o que

levou à descida do Rio Ave.

Por fim, na época de 1945/46, o Cruz foi o último na sua série no campeonato distrital de 2ª divisão, tendo novamente de disputar a permanência na tabela com o último da outra série, o FC de Gaia. Perdeu os dois jogos por 4-3 e 2-1, o que o obrigou a fazer os jogos de passagem com o campeão da 3ª divisão, o FC Pedrouços, perdendo os dois jogos por 4-1 e 3-0. Sentindo-se injustiçado, o Cruz protestou contra o resultado do jogo, alegando que as balizas não tinham as medidas correctas. O árbitro lá foi medir as balizas, mas acabou por escrever no relatório que as medições estavam correctíssimas, o que não agradou ao clube que voltou a recorrer, afirmando que o árbitro só se tinha limitado a medir uma baliza e que precisamente a que não estava correcta era aquela que não tinha sido alvo de medições. Resultado, o conselho de Justiça julgou improcedente o recurso e o Cruz foi condenado a pagar 50 escudos. Acabou a época sem ganhar nada, mas também não desceu de divisão porque houve um alargamento.

#### 4.1.9. As falsas chuteiras e as meias de encher - 1947

Com poucos meios e à base da carolice o Cruz ia passando por cima das épocas e dos campeonatos muito à custa do desenrascanço. E mesmo que os guarda-redes não tivessem luvas ou que as chuteiras estivessem molhadas, havia sempre alguém que desenrascava alguma coisa: "*Costumávamos ter dois jogos a horas diferentes*", recorda-se Waldemar Azevedo. "*Os do primeiro jogo, que eram as reservas, no final deixavam-me as botas e eu engraxava-as muito bem para os jogadores da equipa a seguir. Se estivesse a chover, desgraçados que as tinham de levar engraxadas, mas encharcadas*". Outras vezes, ri-se a bom rir, tinha de fazer de sapateiro em pleno campo: "*As botas que os jogadores usavam na altura tinham na sola de couro umas travessadas espetadas com pregos, estando uma na biqueira e outra no calcanhar. Às vezes esse prego saía e claro que magoava o jogador. Então lá ia eu a correr de martelo na mão, martelar o prego para o jogador continuar a jogar*".

Da mesma forma, narra Waldemar, as botas usadas era tão pesadas que antes de serem calçadas tinham de ser feitas algumas acrobacias: "*Primeiro o jogador punha ligas à volta dos pés, depois vestia as meias de encher, que eram meias grossas de lã, e só no fim punha as caneleiras para encher as botas que eram muito pesadas*". Também os guarda-redes, explica, não tinham a vida fácil: "*Não usavam luvas porque não havia. Quanto muito usavam um boné, daqueles normais, com pala, por causa do sol. E se algum tivesse uma camisola molhada estava tramado porque não tinha mais nenhum. Era só aquela. Muitas vezes vestiam outra por baixo da que estava molhada para não sentirem tanto o frio*".

#### 4.1.10. Os jogadores forjados - 1947

Nos primeiros anos do Cruz até o guarda do

campo podia tornar-se repentinamente num jogador quase profissional. Bastava a equipa estar incompleta. "*Uma ocasião, tinha eu uns nove anos, o Cruz não tinha guarda-redes para jogar*", recorda Adriano Cardoso: "*O meu pai, que era guarda do campo do Outeiro, um homem alto e valente, ouviu aquilo e disse que naquele dia fazia de guarda-redes, porque se não houvesse mais ninguém o jogo não se fazia. E lá foi para a fila. Quando o árbitro começou a fazer a chamada dos jogadores, o árbitro nem olhava para a cara deles, o meu pai disse 'Pronto' quando ouviu chamar o nome do jogador que faltava. A direcção estava um pouco receosa, mas o meu pai disse logo que a bola não entrava na baliza dele, nem que a defendesse a soco e a pontapé*".

Também Waldemar Azevedo foi "*forjado*" e "*aldrabado*" porque um dia faltou ao Cruz um jogador na equipa: "*Fui jogador sem o querer*", começa a contar bem humorado: "*O antigo secretário do clube, o senhor Loureiro, não tinha jogadores suficientes para completar a equipa. E disse-me: Ó Waldemar, hoje vais jogar aldrabado*". Queria ele dizer, explica, "*que eu ia jogar com a licença de outro jogador. Como o árbitro só se interessava em contar os jogadores, nem sequer via quem era quem*". Mas isso, afiança, aconteceu dezenas de vezes: "*Imagine que tínhamos um jogo marcado para as 16 horas e não havia jogadores suficientes. O treinador via quem andava por ali e quem passasse era logo forjado*".

## 4.2 Datas históricas da modalidade entre as épocas de 1950 à actualidade

Nas prateleiras da única sala "oficial" do Sporting Clube da Cruz, um espaço pequeno e modesto, localizado nas traseiras da bancada e por cima dos balneários, estão expostas centenas de taças, troféus, fotografias e medalhas de todos os tamanhos e feitios. Contam, ao seu jeito, aquilo que já nenhum dos velhos associados do Cruz consegue recordar com tanta convicção e firmeza. Só os recortes de jornais, completamente amarelados, ainda permitem localizar o ano, a época, o dia em que o Cruz trouxe mais um troféu para a casa ou apenas o dia em que os adeptos choraram banho e ranho por não vencerem uma partida.

### 4.2.1. Uma perda nebulosa do campeonato - 1950

Disputava-se a última jornada do campeonato distrital da 2ª divisão e o Cruz preparava-se para defrontar, em casa, o Oliveira do Douro, se não falhava a memória ao sócio Joaquim de Sousa, para quem o Cruz tinha sofrido nessa partida uma perda ainda "*muito nebulosa*": "*Conto a história. Tudo aconteceu talvez entre 1950 e 1952, já não me lembro bem. Estávamos na última jornada do campeonato que era decisiva. Nós jogávamos em casa com o FC Oliveira do Douro e o Varzim SC, nosso principal adversário na ocasião, também candidato ao título, actuava no campo da Belavista com o Clube Desportivo de Portugal. Se o Varzim perdesse e o Cruz ganhasse, seríamos nós os campeões. E dessa maneira obteríamos pela primeira vez um título oficial com as primeiras categorias de futebol*".

A expectativa era imensa. "*Um nosso dirigente foi assistir ao jogo na Belavista e pelo telefone do falecido Zé da loja ia informando do que lá se estava a passar*". Até que chegou a notícia que mais interessava ao Cruz: "*O Varzim tinha perdido por 1-2 no Desportivo de Portugal, enquanto o Cruz tinha vencido o Oliveira do Douro por 5-4. Logo, éramos os campeões. Pela primeira vez éramos os campeões! A alegria, os abraços, as lágrimas, a euforia de todos nós foi indescritível*". Por pouco tempo. "*Na semana seguinte chegava a arrasante e horrível notícia: ao Varzim tinha sido atribuída a vitória pela Associação de Futebol do Porto no jogo com o Desportivo de Portugal devido ao facto do guarda-redes Castro, do Desportivo, ter jogado em situação irregular*". Dizia-se que o jogador teria faltado ao exame médico do Centro de Medicina Desportivo. "*Os dois pontos foram levados pelo Varzim e assim perdemos o campeonato, que briosamente no campo conquistamos. Houve lágrimas de tristeza, revolta dos nossos associados e grande confusão, como se pode calcular*".

### 4.2.2. Inovar com um hino - 1959

Chama-se a Marcha do Sporting Clube da Cruz e, ficou decidido nos anos 50, deveria ser cantada com acompanhamento da música da

Marcha do Bairro Alto. A deliberação foi tomada em Junho de 1959, pelo sócio Waldemar Azevedo, que a criou propositadamente para o jogo com o Paços de Ferreira: "*Acompanhai o Sporting Clube da Cruz a Felgueiras e cantai bem alto esta marcha*", dactilografava o associado na altura.

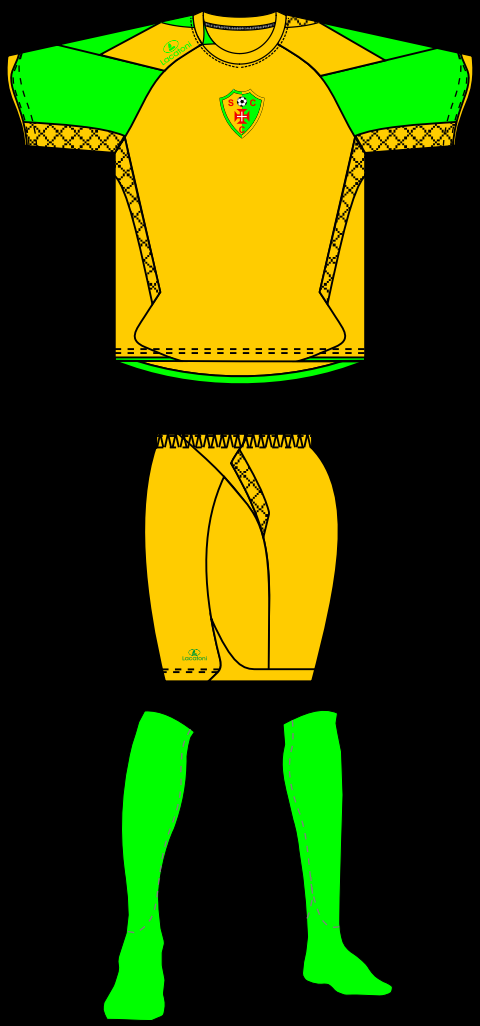
A Marcha, que ainda continua a funcionar como Hino, foi escrita com emoção, não fosse toda ela dedicada à "*família cruzista*":

"*O Cruz nasceu um dia/ Nesse Paranhos lindo/ Com toda a galhardia/ Continua vivendo/ Os seus adeptos/ Que o amparam/ Nunca desistem/ E sempre persistem/ E o acompanham… Côro… Gritai cruzistas/ Gritai/ E incitai/ Nossos rapazes/ A conquistar a vitória/ E a glória/ De que são capazes/ Gritai cruzistas/ Gritai/ E incitai/ Do coração/ A lutar com valentia/ Para neste dia/ Ser o campeão/ Lutai rapazes/ Com valentia/ Sempre para a frente/ Com galhardia/ Gritemos todos/ A plenos pulmões/ Para que sejamos/ E continuarmos/ A ser campeões… Côro… Se formos derrotados/ No jogo disputado/ Nós esquecemos/ O resultado/ Tendo presente/ E sempre em vista/ Que a lutar/ Perder ou ganhar/ É ser desportista*"

Nessa época de 1958/59, o Cruz foi campeão distrital. Muitos dizem que foi graças à marcha.

## O Equipamento

O equipamento principal do Sporting Clube da Cruz é de cor amarela e verde, com a camisola de cor verde, o calção amarelo e as meias também verdes. Como equipamento secundário a equipa tem a camisola amarela, o calção verde e as meias amarelas. Mas no início, quando o clube surgiu, de acordo com o antigo dirigente Waldemar Azevedo, "as camisolas eram verdes e brancas, com as cores divididas ao meio, a imitar as cores do Sporting nacional". Mais tarde, as cores das camisolas foram alteradas para verde e amarelo, tal como continuam na actualidade, dizem uns que por influência dos "torna-viagem" que trouxeram o amarelo garrido do Brasil e outros que por influência do amarelo existente na bandeira nacional…



### 4.2.3. O "caso" do Cruz - Progresso - 1960

Estávamos em finais de Fevereiro de 1960. O Cruz preparava-se para jogar com o Progresso, o seu rival mais próximo, no campo do Amial. A partida era a contar para o campeonato regional da 2ª divisão, série dos primeiros. Jamais imaginaria o Cruz que a peladinha iria acabar "ao murro", à pedrada, com insultos e agressões com guarda-chuvas aos atletas. E que aquele jogo se transformaria, para sempre, no "caso" do ano, com direito a notícias quase diárias na comunicação social.

"Olha o Caso Progresso – Sporting da Cruz", gritariam à época os ardinas pelas ruas, abanando a página do Diário do Norte, de 17 de Março de 1960, onde se lia: "*A Direcção do Sporting Clube da Cruz justifica a sua atitude*". Em comunicado enviado ao diário, a direcção do Cruz bania a ideia de que os seus jogadores tinham abandonado a partida "*antes da hora regulamentar*" por mero anti-desportivismo, como haviam rotulado a atitude: "*Pretende a direcção do Sporting Clube da Cruz esclarecer o público afecto ao desporto de que o abandono do campo por parte da maioria dos seus atletas se deve ao seu estado físico psicológico não aconselhar a continuação em campo daqueles atletas*". Tal estado dos jogadores, sublinhava, "*foi provocado pelas constantes reacções do público assistente ao jogo e afecto ao nosso adversário, que se manifestou de maneira insultuosa para com os nossos jogadores*". Além desses insultos, descrevia-se, juntaram-se-lhe "*o arremesso de pedras para o campo que atingiram um nosso atleta estatelando-o no solo, à mistura com agressões a guarda-chuva*".

Também a atitude da equipa de arbitragem terá contribuído para o palco de "guerrilha" em campo: "*Para tal estado de coisas contribuiu também a paupérrima actuação da equipa de arbitragem que prejudicou claramente o Sporting Clube da Cruz, demonstrando absoluta incapacidade na directriz de jogos deste género*".

Três dias depois, o diário retoma o "caso", publicando a resposta do Progresso, que acusa o Cruz de levar a público um "*caso que nada os dignifica*" e afirma ter sido falso que os adeptos do Progresso tenham alguma vez participado em tais actos de selvajaria: "*Nada houve digno de registo podendo atestar tal facto as digníssimas autoridades e a equipa de arbitragem*".

Afirmava ainda o Progresso que o Cruz já tinha vindo do Outeiro "*de caso pensado para inutilizar os nossos atletas*", descrevendo, de seguida, um rol de mimos que teriam sido lançados pelos adeptos do Cruz aos atletas do Progresso, em pleno campo: "*Mimosear alguns dos nossos atletas a pontapé, mas como um nosso atleta que não jogou se encontrasse junto do balneário e não louvando a acção dum dos atletas 'ás' nesses trabalhos, foi ameaçado e logo que foi expulso do terreno correu em direcção ao nosso atleta avançando o gradeamento, pontapeando a porta do balneário onde um dos nossos directores o havia fechado para evitar a agressão que dizia partir-lhe a cara. Como não pudesse levar a sua*

O «CASO» PROGRESSO-SPORTING DA CRUZ

Resposta da Direcção do Sport Progresso

«A Direcção do Sport Progresso vem muito respeitosamente solicitar de V. a publicação no seu conceituado jornal da «Atitude injustificadas da Direcção do Sporting Clube da Cruz, publicada em 17 do corrente.

De forma alguma queremos desprestigiar qualquer Sociedade Desportiva, mas lamentamos sinceramente que os nossos ilustres adversários de Domingo passado, pleasem a público com o «caso» que nada os dignifica, pois que a imprensa diária disse muito em poucas palavras para quem comprender o que é desporto.

Alegam eles que o estado que os levou ao abandono do público afecto ao nosso Clube, digno de registo podendo atentar autoridades e a equipa de arbi

Se quisessem dizer a ver já vinham de caso pensado pa tas, o que demonstraram clan não fosse consentido por quem tudes que nada dignificam qu portiu-se.

"Eis algumas passagens n no jogo para o campeonato de tiva por eles adoptada foi: m atletas a pontapé, mas como um se encontrasse muito do balnea dum dos atletas «ass nesses tr que foi expulso do Terreno co atleta acompanhado o graduado balneário onde um dos nossos para evitar a agressão que dizia pudesse levar a sua avante cho director do Progresso e a Dire brioso atleta acatado por al bizaram algumas palavras ind dirigidas à nossa Direcção, pois gladiarem-se, completando dep tiva com ameaças e esperas, q felizmente evitou.

Depois disso vieram, agor sado e para não desmentir o qu desportiva depois dum dos ten expulso por não lhe ser permiti Progresso foi que tomaram a terreno aplaudidos por alguns no balneário derrubaram tudo tes, partiram a porta e já nos tornos que vai tudo raso... mas

Diário de Notí

17-3-60

O «CASO» PROGRESSO SPORTING DA CRUZ

A Direcção do Sporting Clube da Cruz

justifica a sua atitude

Assinado pelo Secretário da Direcção do Sporting Clube da Cruz recebemos com o pedido de publicação o seguinte

970347

Quarta-feira, 23-3-1960

AINDA O «CASO» PROGRESSO-CRUZ

A Direcção do Sporting Clube da Cruz

responde ao comunicado do Sport Progresso

Assinada pelo secretário da Direcção, recebemos do Sporting Clube da Cruz, com pedido de publicação e em resposta ao anterior comunicado da Direcção do Sport Progresso acerca dos acontecimentos verificados no campo do Ameal, durante o recente encontro entre os dois clubes, a seguinte comunicação:

«Dignamente viemos a público com o «caso Progresso-Cruz» para justificar com clareza a atitude assumida pela Direcção do Sporting Clube da Cruz, apresentando a essa massa imensa e anónima amante do futebol, e mais propriamente do Desporto, o que de verdade se passou no Campo do Ameal.

CATEGORICAMENTE AFIRMAMOS que os nossos atletas foram alvo dos mais desrespeitosos impropérios que se «dignou» cometer o público afecto ao Sport Progresso.

Mais informamos que depois do jogo terminado, nas imediações do campo se juntara uma boa centena de pessoas aguardando a saída dos nossos jogadores. Seria talvez para os cumprimentar afectuosamente, mas nós, confessamos, não conseguimos discernir da nossa ínfima inteligência esse pensamento...

Imediatamente inteiramos da situação o graduado da P.S.P. em serviço no campo, e quando nos dirigíamos à saída com um dos nossos atletas, acompanhados pelo referido graduado (ele próprio se dignou acompanhar-nos) foi o nosso jogador uma vez mais e finalmente (ufá!) assobiado e injuriado como aprouve e pôde a assistência ali estacionada afecta ao nosso adversário.

Ao entrar no carro, que se encontrava veículo para uma pequena travessa de acesso à Estrada da Circunvalação, *vimos claramente* alguns adeptos do Sport Progresso com pedras nas mãos a correrem para o local que achavam mais adequado para arespeitosa e galhardamente apresentar cordeais cumprimentos de «boa viagem» ao atleta e dirigente, ocupantes do veículo...

Felizmente que agiram erradamente, pois que ao notarmos tal facto decidimos oportunamente mandar seguir pela Rua do Ameal. Que desmandos se cometeriam se o carro tomada a Estrada da Circunvalação?!...

Assim é que aconteceu, e afirmámo-lo categoricamente sem receio de desmentidos, testemunhados até por vários

*avante*", continua o Progresso a descrever a sua parte da novela, "*chorou de raiva e, insultando o director do Progresso e a direcção colectivamente foi este 'brioso' atleta auxiliado por alguns directores do Cruz que bisaram algumas palavras indecorosas por aquele jogador dirigidas à nossa direcção, pois pretendiam ver os jogadores gladiarem-se, completando depois a sua boa ética desportiva com ameaças e esperas, que a acção das autoridades felizmente evitou*". E não foi tudo. Depois de um "brioso" atleta do Cruz ter sido expulso "*por não lhe ser permitido 'espalmar' os atletas do Progresso*" terão então tomado "*a liberdade de abandonar o terreno aplaudidos por alguns dos seus directores e então no balneário derrubaram tudo o que puderam e não contentes partiram a porta e já nos prometeram que quando lá formos que vai tudo raso….mas nós não acreditamos*", termina o Progresso.

Terminou o Progresso, mas não o Cruz, que voltou à carga com novo comunicado naquele diário, a 23 de Março de 1960: "*A direcção do Sporting Clube da Cruz responde ao comunicado do Sport Progresso*", gritavam novamente os ardinas sobre o "ainda caso" e longa novela entre o Progresso e o Cruz.

"*Viemos a público com o caso Progresso-Cruz*", começa o clube do Outeiro, "*para justificar com clareza a atitude assumida pela direcção do Sporting Clube da Cruz, apresentando a essa massa imensa e anónima amante do futebol, e mais propriamente do desporto, o que de verdade se passou no campo do Ameal*". E o que foi? "*Categoricamente afirmamos que os nossos atletas foram alvo dos mais desrespeitosos impropérios que se dignou cometer o público afecto ao Sport Progresso*". O que se verificou logo no final da partida: "*Depois do jogo terminado, nas imediações do campo se juntara uma boa centena de pessoas aguardando a saída dos nossos jogadores. Seria talvez para os 'cumprimentar afectuosamente', mas nós, confessamos, não conseguimos discernir da nossa ínfima inteligência esse pensamento*", ironizava-se. "*Imediatamente inteiramos da situação o graduado da PSP em serviço no campo e*

*quando nos dirigíamos à saída com um dos nossos atletas, acompanhados pelo referido graduado (ele próprio se dignou acompanhar-nos) foi o nosso jogador uma vez mais e finalmente (ufa!) assobiado e injuriado como aprouve e pode a assistência ali estacionada afecta ao nosso adversário*".

Posteriormente, continua a saga Progresso-Cruz, "*ao entrar no carro, que se encontrava voltado para uma pequena travessa de acesso à estrada da Circunvalação, vimos claramente alguns adeptos do Sport Progresso com nas mãos a correrem para o local que achavam mais adequado para 'respeitosa e galhardamente' apresentar cordiais cumprimentos de 'boa viagem' ao atleta e dirigente, ocupantes do veículo…*".

No comunicado, o Cruz lembrava, ainda, "*um pontapé numa coxa com que foi 'presenteado' outro nosso atleta, sem que nada absolutamente se tivesse passado justificativo de tal agressão, salvo a discussão breve e natural do local onde devia ser apontada uma falta técnica. E somente por isso dá-se um pontapé num jogador*". Agressões, acusava, que já vinham até de outras partidas anteriores: "*No jogo a contar para o campeonato ainda em disputa – série B - realizado no nosso campo do Outeiro, um nosso atleta foi agredido a soco violentamente por outro do Sport Progresso, causando-lhe vários golpes na boca, sendo este expulso e castigado com a punição de quatro jogos de suspensão*". E foi assim que aconteceu, insistiu o Cruz: "*Afirmámo-lo categoricamente sem receio de desmentidos, testemunhando até se tal for necessário*". Fim da novela. Por aquela época.

### 4.2.4. Um tijolo na cabeça do dirigente anos 70

Nos anos 70, outro jogo ficaria na memória dos cruzistas, pelos piores motivos, lembra em galhofa Waldemar Azevedo, não tivesse ele levado com um tijolo durante o jogo. "*Eu era o secretário do Cruz e estava a assistir, como tantos outros, ao jogo que estávamos a vencer por 1-0 no campo do Grijó. Às tantas, faltavam uns dez minutos para acabar a partida. Como um jogador nosso, o Ernesto, fez uma asneirada, o árbitro decidiu expulsá-lo. Eu, como era delegado ao jogo, levei-o para o balneário para o acalmar. Nisto, ouço 1-1. E depois outra vez. Venho a correr para ver o que se passava e já só vejo toda a gente à porrada*". Depois não viu mais nada porque lhe atiraram um tijolo à cabeça: "*Os de Grijó ganharam por 2-1 e eu fui para o Hospital de Santo António de onde sai escoltado pela polícia, porque os adeptos pensavam que a culpa tinha sido toda minha*".

### 4.2.5. A goleada ao Grijó por 6-0 - 1973

Em 1971 o Cruz é galardoado com a medalha da Associação de Futebol do Porto e em 1973 recebe um prémio que desejava há quase duas décadas: a ascensão à 1ª divisão distrital. Foi em Julho, num jogo com o Grijó, realizado no Campo do Outeiro, com o Cruz a golear o rival

JOGOS DE PASSAGEM
DA A. F. DO PORTO

I/II DIVISÕES

O SPORTING DA CRUZ subiu à divisão maior

*Ficou decidido na «segunda não» a passagem do Sporting Clube da Cruz para a I Divisão, nos jogos de competência com o Grijó. Os outeirenses, com um empate (0-0) no campo do seu adversário, na c.l.ª mão, dominaram, ontem, as guimeses, por 6-0, que, por isso, foram forçados a baixar à II Regional.*

*Teremos, assim, na próxima época, três clubes da II Divisão que sobem à I, os seja, Valadares, Foz e Sporting da Cruz, onde também entrará o São Pedro da Cova, vindo do Nacional.*

SP. DA CRUZ, 6
GRIJÓ, 0

Jogo no campo do Outeiro.
Árbitro: Bastos da Silva.
As equipas:
CRUZ — Marques; Magalhães, Rogério (Hambreio); Neves I e Neves II; Tino e Toninho; Fernando, Salvador, Ernesto (Edgar) e Ralha.
GRIJÓ — Arnóbio; Silva II, Ferreira da Silva, Quim, Nando e Rocha; Pedrosa (Silva I) e Bino (Cardoso); Alberto, Quim Alberto, Ferreira e Oliveira.
Ao intervalo: 1-0.
Marcadores: Rogério, aos 10; Tonitho, aos 46, 54 e 69 e Fernando, aos 83 e 89 minutos.
Expulso: Ferreira da Silva, aos 75 minutos, por discutir decisões do árbitro.

Jogo em que o rus confirmou o favoritismo que lhe era imputado, sempre voltado para o ataque, aproveitando a apatia do Grijó para alcançar uma cómoda vitória.

Os visitantes, muito nervosos e jogando abaixo das suas possibilidades, desbaratearam apenas as duas oportunidades de golo que o excelente guarda-redes da equipa da casa lhes negou.

A primeira parte mostrou-se, sensivelmente equilibrada, com os homens do Grijó a ripostarem aos da casa.

No restamento, o Cruz atacou a fundo, marcando logo no primeiro minuto, por intermédio de Tonitho que se revelou um dos principais obreiros desta vitória. Tendo já dois golos de vantagem, tudo se tornou mais fácil, conseguindo desenvolver ainda, melhor o seu esquema de jogo.

A arbitragem não conseguiu evitar que surgissem problemas dentro do rectângulo, revelando-se exacta.

EUFORIA DOS OUTEIRENSES PELA SUBIDA

A assistência, que enchia por completo o campo do Outeiro, delirou com esta vitória, como é lógico, invadindo o recinto logo após a apitadela final.

Então começou o foguetório e todos quiseram ficar com lembranças do dia da subida, arrancando camisolas, e todos se uniram no momento da euforia abraçando, puxando, apertando os jogadores. Bandeiras e cartazes numa tarde soalheira, emprestaram um colorido ao campo que só em ocasiões destas se pode ver.

No momento da subida de divisão pesada responsabilidade fica a cargo do clube, pelo que se torna necessária a colaboração de todos os associados junto da Direcção no sentido de se enfrentar abruptamente as dificuldades que irão surgir na principal prova da A. F. do Porto.

F. B.

III/II DIVISÕES

CANDAL e SERZEDO igualados em vitórias tem de fazer terceiro jogo

*O Serzedo (III Divisão) e o Candal (II), fizeram, ontem, o segundo jogo (2.ª mão). No primeiro encontro, o Serzedo, no seu campo, triunfou por 1-0. Agora, no Candal, a equipa local venceu por 2-1. Assim, empatados em vitórias, visto que o «goal-average» não conta, as duas equipas têm de efectuar terceiro jogo.*

CANDAL, 2
SERZEDO, 1

Jogo no Candal.
Árbitro: Moreira Tavares.
As equipas:
CANDAL — Luis; Gêmino, Ilídio, Silvio e Coutinho; Duarte, Peixoto e Alfredo; Peres, Reis e Lino (Soares).
SERZEDO — Alexandre; Lopes, Francisco, Edmundo e Manuel; Costa, Justino, (Leite) e Martins, Tomé, Pedrosa e Romariz.
Ao intervalo: 2-1.
Marcadores: pelo Candal, Alfredo e Reis, respectivamente, aos 8 e 44 minutos.
Pelo Serzedo, Pedrosa, aos 16 minutos.
Foi expulso Manuel dos visitantes, aos 87 minutos.

Jogo aguardado com grande expectativa.

No primeiro quarto de hora o Candal jogou deliberadamente ao ataque, tendo daí resultado o seu primeiro golo por Alfredo. A partir dos quinze minutos o Serzedo forçou o ataque equilibrando a partida e obtendo um golo de belo efeito por parte de Pedrosa.

No quarto de hora final o Candal conseguiu praticar melhor futebol, e daí, a obtenção do golo da vitória por parte de Reis.

No segundo tempo, o Serzedo entrou com forte poder atacante, mas o Candal defendendo bem e realizando perigosos contra-ataques, criou inúmeras oportunidades de golo que os seus atacantes desperdiçaram.

Pena foi que o jogo tivesse endurecido no final e a arbitragem se tivesse comportado deficientemente.

Arbitragem fraca.

A. B.

CASTELO
EQUIPAMENTOS DESPORTIVOS
Tudo para Desporto
Rua Santo Ildefonso, 253
Telef. 25614 PORTO

J.N. - 09/JULHO/73

PÁG. 10 DESPORTO

A. F. PORTO

CRUZ ASCENDEU AO «OUTEIRO» IMEDIATO

● «Crucificada» a manutenção do Grijó na I Divisão

CRUZENSES EM FESTA

VINTE ANOS DEPOIS O DESEJADO REGRESSO

por 6 a 0 e o Primeiro de Janeiro de 9 de Julho de 1973 a escrever em letras gordas "*Sporting Clube da Cruz – Novo primo divisionário na próxima época – O grupo do Outeiro coroou a sua ascensão com goleada*", logo seguido de uma grande imagem do atleta do Cruz a marcar na baliza do adversário. Nesse dia, também, o Comércio do Porto noticiava eufórico: "*A assistência, que enchia por completo o campo do Outeiro, delirou com esta vitória, como é lógico, invadindo o recinto logo após a apitadela final. Então começou o foguetório e todos queriam ficar com lembranças do dia da subida, e todos se uniram no momento da euforia abraçando, puxando, apertando os jogadores. Bandeiras e cartazes numa tarde soalheira, emprestaram um colorido ao campo que só em ocasiões destas se pode ver*".

Os cruzistas eram aos magotes a gritar vitória. De tal forma, referia no mesmo dia o Jornal de Notícias, que "*só permitiram que os seus atletas regressassem às cabinas semi-nus*". A gente era tanta como nunca antes se vira. Feitas as contas, as bilheteiras contaram nesse dia 20 contos (100 euros). E o Cruz iria, finalmente, destacar-se na 1ª divisão, lado a lado com o Valadares e o Foz.

Quase duas décadas depois a "família cruzista" regressava à 1ª divisão distrital da Associação de Futebol do Porto, graças à perseverança dos atletas, como vincava o Norte Desportivo, de 12 de Julho de 1973: "*O Cruz, o velho clube do Campo do Outeiro, com tradições honrosas dentro da Associação do Porto, chegou onde queria. Bastaram dois anos para isso. Não é caso único mas é raro e por isso achamos que a colectividade merecia um apontamento. Ele aqui fica a assinalar uma façanha, a qual, repetimos, deve ser tomada como exemplo. Quando se pretende tomar uma posição perdida deve-se lutar até vencer, porque essa vitória surge mais dia menos dia*".

### 4.2.6. O "novo" caso Progresso - 1973

Cinco meses depois, a 21 de Dezembro de 1973, um novo caso Progresso-Cruz surgia nas páginas dos jornais, com um ingrediente chave já bem conhecido: pancadaria. "*A partida estava a ser dirigida correctamente com um único senão, ao quarto de hora*", comentava o Jornal de Notícias daquele dia: "*a expulsão de Salvador, avançado centro do Cruz, por agressão sem bola*". Tinham passado 45 minutos do início da partida, quando o árbitro Manuel dos Santos "*tinha apitado dando por terminada a primeira parte, com o resultado em branco. Logo após, o suplente do Cruz, Rudolfo Teixeira, numa atitude extemporânea e tresloucada, levantou-se do banco e dando um salto, com os pitões dirigidos para as costas de um adversário, atingiu-o violentamente*".

Perante a situação, terão entretanto acorrido imediatamente diversos colegas, adversários e adeptos e, "*às duas por três, estavam todos envolvidos numa distribuição recíproca de murros*".

Perante tamanho reboliço, "*o árbitro tirou nota dos três jogadores que, retirados, assistiam à balbúrdia e encaminhou-se para o balneário*", suspendendo de imediato a partida, uma vez que quase todos os jogadores tinham sido expulsos do jogo, com a excepção de António Edgar Gomes do Cruz e de António Nogueira e Adelino da Costa e Silva do Progresso, bem como dos dirigentes do Cruz.

### 4.2.7. As árvores morrem de pé - 1976

Em 1976, Joaquim Ferreira e Joaquim Correia, à época directores do Cruz, conspiraram e decidiram criar no clube a secção "*As velhas Guardas*", um grupo de amigos, veteranos da bola, eternamente amantes do desporto rei.

Com a ajuda de alguns compinchas e atletas compraram o primeiro equipamento da secção para que a mesma pudesse participar no conhecido campeonato de veteranos de futebol "*As árvores não morrem de pé*". A equipa ficou formada de uma assentada: Ernesto, Nogueira, João, Teão, Rolando, Calitas, Minito, Chico, Machado, Júlio Silva, A. Augusto, entre tantos outros.

A equipa de veteranos pode nunca ter ganho um campeonato desde que foi criada, mas não havia taça que lhe escapasse. Primeiro, arrecadando a taça disciplina, depois voltando a ficar com a segunda e com mais uma série de medalhas de carácter disciplinar. Em 1992/93 conquistou a taça de Portugal ao derrotar o Candal por 3-1 no Campo do Castelo da Maia e posteriormente a super-taça ao vencer o Avintes por 4-2 através de grandes penalidades.

### 4.2.8. Uma descida feita com lágrimas - 1977

Na época de 1975/76 o Cruz continua a marcar presença na 1ª divisão, mas na época seguinte baixa à 2ª, para grande desilusão dos adeptos. Cruz Mesquita, que à época presidia à

direcção, reclamava no Diário de Notícias de 20 de Setembro de 1977 mais apoios para que o clube voltasse a ascender na tabela: "*Devido às grandes limitações da colectividade, a grande maioria do plantel sénior é constituída por atletas vindos das camadas jovens do clube e residentes na periferia do seu parque de jogos. Como tal, vigora essencialmente o jogar por amor à causa, em especial dignificar o nome do Sporting Clube da Cruz. Naturalmente existem certas compensações, as quais não se poderão de qualquer forma comparar a outras existentes na maioria dos clubes*". Por outras palavras, sustentava, a palavra "*dificuldades*" no clube era um "*adjectivo benevolente*".

Como se não bastasse a descida e os graves problemas financeiros, o clube é ainda punido pelo Conselho Disciplinar da Associação de Futebol do Porto com uma multa de 500$00 (2,50 euros), por alguns adeptos terem provocado "*tropelias*" no jogo entre o Cruz e o Trofense, a 13 de Novembro de 1977.

Desesperada, a direcção do Cruz imprime dezenas de prospectos que faz chegar aos associados, apelando ao desportivismo entre todos: "*Foi o nosso clube punido com a multa de 500 escudos e respectiva advertência, por mau comportamento duma parte do nosso público verificado no jogo realizado no nosso campo com o F. D. Trofense*". Situação que a direcção lamentava de imediato: "*Porque tal tipo de acontecimentos negam ao desporto o que dele pretendem praticantes, dirigentes e simpatizantes conscientes, e que a repetirem-se trarão ainda mais graves consequências, pois, para além das multas que financeiramente o clube não suporta, se traduzem em interdição do campo e daí contribuem para psicologicamente, no mínimo, destruir o tremendo esforço que empenhamos e queremos ver frutuoso, colhendo como todos pretendemos, os dividendos que ansiamos: as vitórias!*". Por isso, apelava com vigor que "*todos os*

## Jogadores conceituados

O Sporting Clube da Cruz formou diversos jogadores que vingaram em clubes de grande dimensão e até se tornaram estrelas internacionais, como foi o caso do jogador José Lourenço que, nos anos 40, foi cedido ao Futebol Clube do Porto, onde se internacionalizou. O valor da Carta de Desobriga de Lourenço valia, à época, a quantia de quatro contos (20 euros). Na altura, quando os atletas mudavam de clubes tinham de ser portadores de uma Carta de Desobriga que lhes possibilitava a inscrição num novo clube.

Internacionais, "criados" no Cruz foram também Luís Almeida, Rafael, José Luís e Zé Nuno Azevedo. Este último era mais conhecido pelo "Sufequinha", recorda o sócio Ibraim Geraldes, "porque o pai sofria de falta de ar". O certo é que com ou sem falta de ar, Zé Nuno passou, em 1991, pelo Gil Vicente e posteriormente pelo Sporting de Braga. Outros nomes nascidos no clube que se tornaram sonantes em clubes nacionais foram os de José Augusto, que em 1995 estava a jogar no Salgueiros; Rui Adriano que estava no Moreirense; Stromberg jogava na mesma altura com a cores do Benfica de Castelo Branco; José Luís estava no Beira Mar; e o incrível Fua no União de Leiria.

*associados e adeptos do Sporting Clube da Cruz*" se amparassem "*mutuamente, evitando desmandos e tropelias inconvenientes que só – pois outra coisa não trarão – oferecem prejuízos ao clube*".

### 4.2.9. As tropelias dos jogadores - 1983

As "tropelias" dos adeptos, contudo, não se ficariam por aí, obrigando a direcção do clube a tremer como varas verdes perante a eminência de uma nova multa ou castigo. Em comunicado publicado no Jornal de Notícias de 29 de Novembro de 1983, a direcção do Cruz aludia "*às tristes ocorrências ultimamente verificadas nos jogos de juvenis e seniores*", que apenas serviam para "*lesar moral e economicamente o Sporting Clube da Cruz*".

Embora compreendendo "*que os sócios e simpatizantes se sintam esporadicamente revoltados*", o Cruz, dizia a direcção, "*define-se como clube de gente civilizada e ordeira*", pelo que "*as atitudes impensadas, o recurso à violência e a tentativa de fazer justiça pelas próprias mãos*" deviam "*ser riscadas do seio da colectividade*". Caso contrário, alertava, "*os castigos, as multas que a nossa tesouraria não comporta e as interdições eventualmente concretizadas continuarão a suceder e obrigarão as equipas do clube a jogarem longe do seu ambiente e sem o calor dos incitamentos provenientes dos sócios e simpatizantes que não trilharam o caminho daqueles com 'nervos à flor da pele'*".

A disputar a 2ª divisão da Associação de Futebol do Porto e a movimentar cerca de 200 atletas por semana, o que por si só já acarretava muitas despesas, cada multa ou castigo era recebido com uma imensa dor de cabeça, como se queixava àquele periódico o então presidente da direcção, Waldemar Azevedo: "*Não é com multas a pagar à AFP, e com eventuais interdições de campo que conseguimos levar avante a nossa actividade. É justo fazer-se um elogio aos atletas, que são inteiramente amadores, pois não pagamos nada seja a quem for*". Mas mesmo assim, reconhecia, "*o dinheiro não chega, porque as despesas de manutenção são elevadas*". Afinal, colmatava o dirigente Carlos Campos, "*não temos ajudas oficiais e vivemos apenas das quotas e de algumas dádivas de grupos de associados e directores*".

### 4.2.10. O "caso" do árbitro no Canelas 1988

6 de Novembro de 1988. O Cruz está na 2ª divisão distrital do Porto, série B, e o jogo desse dia, com o F.C. Canelas não podia ter corrido pior. Reunida de emergência, a direcção do clube decide tornar pública a sua posição face aos acontecimentos: "*No primeiro minuto do jogo a nossa equipa obtém um golo*", dactilografa-se o comunicado que há-de ser enviado à Lusa, à Comissão Distrital de Árbitros e à Associação de Futebol do Porto. "*Posteriormente, e no seu decurso, observa-se uma clara e intencional intimidação da equipa de arbitragem no seu comportamento ao admoestar insistentemente os nossos*

*jogadores através da punição de faltas (inventadas) e em sequência a amostragem de 2 cartões amarelos aos nossos atletas*". Tal situação implantou na equipa do Cruz "*um estado de nervosismo perfeitamente compreensível, que viria a resultar em situações de nítido prejuízo para o nosso clube*".

De facto, relatava o jornalista do Comércio do Porto, em artigo publicado a 7 de Novembro, "*com o decorrer do tempo o juiz da partida tudo fazia para que as jogadas dos homens do Outeiro não culminassem em perigo para os forasteiros. A pouco e pouco, o descontentamento dos atletas e público afecto aos locais era bem patente. O Cruz dominava as operações mas via-se impedido de finalizar*", descrevia o repórter que tinha assistido à partida. "*Aos quarenta e quatro minutos deu-se o caso do jogo: Alfredo disputava o esférico com o guardião Prata, este fez gestos de agressão e na sequência do lance, Vítor, o capitão dos locais, ocorreu ao lance e Prata culminou com a agressão ao atleta dianteiro e capitão da equipa*". Ora, continua o jornalista, aquele, "*depois de agredido, voltou-se para o juiz de linha gesticulando que estava a ser vítima de agressão. De imediato o juiz da partida que se encontrava de costas para os atletas envolvidos virou-se e mostrou o cartão vermelho ao capitão local. Este reagiu da pior forma, culminando com uma agressão ao juiz da partida que de imediato recolheu*

## Um veterano com valores

Aos 70 anos, Rolando Azevedo, elemento fundamental das Velhas Guardas, ainda jogava com a camisola e as cores do Cruz. Tornou-se amigo da bola por volta de 1924, ano em que ensaiou os primeiros pontapés ao serviço do Cruz Preta FC, na categoria de infantis. Passou depois para o Salgueiros onde esteve três épocas, de 1927 a 1929, para regressar ao seu clube do coração, o Sporting Clube da Cruz. Ao todo, envergou as cores verde amarela da colectividade do Outeiro durante duas décadas consecutivas, entre 1931 e 1951. Contam que era um jogador "*leal e brioso com os seus adversários*" e que, anos depois, já como técnico diplomado ao serviço de diversos clubes nortenhos, sempre pautou a sua conduta "*pelas regras do civismo e do desporto pelo desporto*". Uma conduta irrepreensível que o consagraram como um dos jogadores mais disciplinados do futebol português. Afinal, ao longo de tantos anos Rolando Azevedo nunca sofreu a mais leve advertência.

*às cabines não mais voltando ao rectângulo*".

No comunicado, a direcção apelidava a atitude do árbitro de incorrecta e até hipócrita: "*Como 'rei' e 'senhor', o Sr. Silva Mendes (árbitro do jogo) decide-se pela recolha intempestiva à sua cabine aos 44 minutos de jogo da 1ª parte e reclama a intervenção da força de segurança presente e de uma ambulância para o seu transporte ao estabelecimento hospitalar próximo, tentando convencer quem ao jogo assistia da pseudo gravidade de ferimentos que o impediam de continuar??...*".

Sim, porque inconformada, a direcção conseguiu apurar junto do hospital "*que afinal não se tratou se não apenas de um estado (mais ou menos abalado), simplesmente de ordem psíquica…*" do árbitro Mendes. Pelo que, questionava: "*Que interesse teria o nosso clube, quando se encontrava em situação de vencedor, criar situações que podiam conduzir à interrupção do jogo?*". O Cruz vencia por 1-0. Ou tudo não teria decorrido de uma jogada cozinhada antes da partida: "*Será que se preparam resultados a campeões por influência de 'alguns' senhores envolvidos no futebol?*".

Pelo sim, pelo não, a direcção deu a conhecer publicamente o seu veto ao árbitro Mendes como "*árbitro de qualquer dos jogos em que o nosso clube intervenha (para todas as categorias) porquanto lhe retiramos, a partir de hoje, toda a nossa confiança*".

### 4.2.11. O regresso ao topo - 1989

Um ano depois dos tristes acontecimentos, em Agosto de 1989, o Cruz regressava à ribalta

pelas mãos do treinador Adelino Paranhos. A comunicação social dizia mesmo que, após uma caminhada na 2ª divisão "*muito certinha*", o Cruz tinha recuperado o seu digno lugar na 1ª divisão da Associação de Futebol do Porto, de onde se tinha ausentado há vários anos: "*Após a subida à 1ª Divisão portuense - Sporting Clube da Cruz aposta na permanência*", intitulava o Jornal de Notícias de 22 de Agosto, apresentando de seguida a fotografia do plantel que prometia "*continuar no escalão maior da Associação de Futebol do Porto*". A saber: os guarda-redes Rui, Rodolfo, Zé Luís e

Aleixo; os defesas Mota, Paulo Magalhães, Paulo Leite, Quim, Samuel, Eduardo (ex-júnior) e Frederico (ex-Padroense), os médios Jorge, Marito, Nelo, José Augusto, Adérito (ex-júnior) Esmael (ex-júnior), Fernando (ex-Pasteleira), José Luís (ex-Leça do Balio) e Jorge Silva (ex-Custóias); e os avançados: Chico Costa, Gonçalo e Rui (ex-júnior).

Também José Gonçalves, chefe do departamento de futebol, desejava no mesmo artigo "*à família cruzista as melhores alegrias possíveis, sem problemas, mas com ambição, lutando para que se alcance aquilo que à partida nos propomos. A permanência na 1ª Divisão, o sonho de todos os outeirenses*".

### 4.2.12. O fim dos altos e baixos

Dois anos depois a equipa de seniores do Cruz voltava a estar na 2ª divisão distrital e em 1993 disputava o campeonato distrital da 1ª divisão da Associação de Futebol do Porto, sempre com um plantel constituído por jogadores e treinador amadores, que não auferiam qualquer vencimento.

Hoje, o grande objectivo da actual direcção já não é a disputa frenética por um lugar na 1ª divisão. É sobretudo um objectivo educacional e cívico, como refere Hélder Pereira: "*O Cruz não é um clube que deva pensar em subidas de divisão, ou ir para os nacionais. Esta direcção quer que o clube consiga formar jovens e, por isso, queremos ter duas equipas em cada escalão, mas sempre com a consciência de que só existe equipa sénior, para permitir que os miúdos que chegaram ao clube com oito anos continuem a jogar futebol*". No entanto, avisa, "*não queremos ser os primeiros, mas se podermos lá chegar não vamos dizer que não. Nos últimos anos o Cruz tem andado sempre nos primeiros lugares do campeonato e, se isso acontecer, ficaremos contentes. Mas não é um objectivo*".

A funcionar actualmente com seis escalões - Escolinhas, Infantis, Iniciados, Juvenis, Juniores e Seniores – a secção de futebol do Sporting Clube da Cruz tem participado activamente nos campeonatos distritais organizados pela Associação de Futebol do Porto, proporcionado, nos últimos anos, "*a possibilidade de muitas centenas de crianças, com idades compreendidas entre os 9 e os 17 anos, praticarem o desporto que gostam, mas formando também os futuros homens do amanhã*", sublinha Hélder Pereira.

O presidente adianta que é intenção da actual direcção "*ter sempre equipas a jogar em todos os escalões de futebol*", mas avisa que "*o clube é antes de mais, um clube de formação, que privilegia a captação e o ensino de jovens atletas, de forma a proporcionar-lhes as melhores condições de trabalho, de prática desportiva e da aprendizagem do futebol*".

## 4.3 As escolinhas

Após uma paragem de cinco anos, as Escolinhas regressaram ao Cruz na época de 2008/2009, muito por culpa do presidente da direcção Hélder Pereira: “Não estamos cá pelo futebol. E só temos futebol sénior para que os miúdos quando forem grandes tenham onde jogar, porque a verdadeira essência de uma associação destas é o serviço que presta à comunidade". Aliás, o orgulho do presidente e do próprio treinador, Filipe Marques, é tanto que no primeiro jogo, perdido a 10, foi uma festa. "No primeiro jogo perdemos por 10-0, no segundo por 6-0 e depois por 3-0”. Porém, frisa o treinador, é preciso ver que o Cruz começou esta época em desvantagem. "Os outros clubes já tinham três meses de treino e nós tínhamos cerca de três semanas. No primeiro jogo, os jogadores nem sequer sabiam todas as regras".

Até Abril de 2009 as escolinhas do Cruz contavam 21 derrotas e 1 vitória. É por isso bom de ver que quando a vitória aconteceu, a 22 de Março deste ano, com o Pedras Rubras, foi uma desgraça. “Ao vigésimo segundo jogo chegaram os primeiros pontos e logo uma vitória. Não é fácil manter uma equipa unida e com espírito de vitória após tantas derrotas, mas só com o querer destes pequenos grandes jogadores é que hoje conseguimos pela primeira vez saborear a vitória”, escrevia emocionado o treinado no site do clube. “Desde o princípio do jogo que mantivemos o adversário encostado ao seu reduto e com naturalidade Ricardo, um dos jogadores que mais cresceu desde o início da época, desfere um grande remate que foi defendido pelo guarda-redes adversário, após uma grande jogada criada a par com Celino”. E “como que de um aviso se tratasse, na jogada imediata António triangula com Ricardo e de fora da área e mais do lado esquerdo faz o centro para a pequena área, em que um defesa central e o guarda-redes se atrapalham e enviam a bola para dentro da sua própria baliza, estava feito o 1-0 bem merecido”.

A equipa, continuava a descrição Filipe Marques, defendeu com "unhas e dentes" o Cruz, “mas ainda antes de acabar o Pedras

### Os treinos

Nas Escolinhas os treinos realizam-se às segundas, quartas e quintas-feiras, a partir das 19 horas e têm uma duração de 60 minutos. Todas as crianças que se inscrevem são submetidas, como aliás é feito nas restantes equipas, a exames médicos. Se ficarem “aprovados” são então inscritas.

Rubras consegue marcar após um canto curto e em que toda a equipa do Cruz ficou a ver jogar. Logo de seguida chega o intervalo e a possibilidade de falar com os meus jogadores. Foi difícil manter a calma no balneário porque pela primeira vez em tantos jogos fomos para o Intervalo a ganhar e isso não se explica nem se consegue descrever, sente-se".Pediu então aos miúdos que se divertissem e mostrassem ao adversário o que fazem nos treinos. "Foi sofrer a bem sofrer, mas sem dúvida que souberam dignificar a camisola e o emblema que traziam ao peito: 2-1 resultado final, pela primeira vez tinhamos ganho".

O escalão de escolas do Cruz, inscrito nesta época no Campeonato Distrital de Juniores "E" da Associação de Futebol do Porto, é composto actualmente por 20 jogadores: oito têm 8 anos, oito têm 9 anos e quatro têm 10 anos.

As crianças provêm de diferentes estratos sociais, mas na sua grande maioria, diz Hélder Pereira, provêm de bairros da cidade do Porto. Quanto aos pais das crianças mais velhas, confessa, "muitos nem os conhecemos. São aqueles que menos nos apoiam e nunca ou quase nunca estão presentes".

É esta mistura social que importa, sustenta Hélder Pereira. Porque "permite que os miúdos que têm mais posses conheçam outra realidade, e os que têm menos posses percebam que há mais para além do que conhecem e que, se se esforçarem, chegam lá". Mais a mais, refere, o importante para além do desporto é formar seres humanos, tornando-os mais cívicos: "Se alguns miúdos não andassem aqui, provavelmente andavam nas ruas", reconhece. E sabe-se lá o que fariam, diz o técnico, à medida que se vai lembrando das histórias mirabolantes que ouve da boca dos miúdos. "Contam-nos cada coisa. Há um que diz que o que mais gosta de fazer é fugir à polícia, alguns andam sem meias no Inverno, vêm jogar sem se alimentarem convenientemente e outro diz que o pequeno-almoço que toma é a base de café e refrigerante". É também por este último motivo que o presidente Hélder Pereira fica responsável, todas as semanas, por trazer quatro litros de chá, que é servido aos miúdos no intervalo do jogo, acompanhado com alguns biscoitos. "E o ordenado que têm, quer ganhem ou percam", conta feliz, "é um sumo e um croissant".

## O treinador

Filipe Marques
Treinador das Escolinhas

Nelson Filipe do Espírito Santo Marques nasceu a 26 de Junho de 1979 na freguesia de Paranhos, no Porto. Licenciado em Engenharia Publicitária pela Universidade Fernando Pessoa, é actualmente responsável de imagem de uma multinacional. Na época de 2008/2009 assumiu a liderança das Escolinhas no SCC.

Xico Zé
Treinador

## Mister Chico Zé, treinador Séniores

O treinador da equipa de seniores do Cruz é nesta temporada de 2008/2009 Francisco José, Mister Chico Zé, nascido há 48 anos na freguesia de Massarelos, no Porto. Um homem com um curriculum invejável, que representou várias equipas da I Divisão e que se disponibilizou para colaborar com o Cruz "*a título gratuito, uma regra fundamental para a actual direcção*", que afirma que "*nem jogadores, nem equipa técnica, nem absolutamente ninguém ganha dinheiro no Cruz*". Mister Chico Zé iniciou a sua carreira de jogador no Sport Clube do Progresso, passou pelo Benfica, jogou também no Famalicão, no Gil Vicente, no Leixões, no Rio Ave, no Portimonense. Como treinador, esteve no Santa Maria, no Gil Vicente e em várias equipas do campeonato regional. A título de curiosidade, Mister Chico Zé tem um total de 16 internacionalizações, 10 pelos Juvenis e seis pelos juniores, tendo como treinador o actual treinador do Futebol Clube do Porto, Jesualdo Ferreira.

## Mister Magalhães, treinador Juniores

Mister Magalhães nasceu em Celorico de Basto há 56 anos, tendo sido jogador até aos 25. Está no Sporting Clube da Cruz desde muito jovem, tendo ocupado praticamente todos os cargos na instituição. Foi Presidente da Assembleia Geral, Presidente da Direcção, Vice-Presidente do Conselho Fiscal e Treinador em todos os escalões de futebol.

Magalhães
Treinador

Paulo Faria
Treinador

## Mister Paulo Faria, treinador Juvenis

Mister Paulo Faria, com 42 anos, nasceu em Paranhos e foi jogador até aos 36. Iniciou a sua formação desportiva no SC Salgueiros, passou pela distrital e terminou a sua carreira como jogador amador no Clube Real Sociedade do Campo Lindo. Como treinador, Mister Paulo treinou o SC Salgueiros, estando actualmente no Cruz.

## Mister Moreira, treinador Iniciados

Mister Moreira treina nesta época os iniciados do Sporting Clube da Cruz. Nascido no Peso da Régua há 59 anos de idade, foi jogador de futebol até aos 33. Prosseguiu a carreira como treinador, sendo Mister no SC Salgueiros, no Boavista FC, no Rio Ave, no Valadares, no Senhora da Hora, no Progresso, no Padroense e actualmente no Sporting Clube da Cruz.

Moreira
Treinador

# Capítulo III

*O Cruz na actualidade*

## 1. À espera da revolução urbanística

Há muitos anos que se fala numa revolução urbanística para a zona onde está localizado o campo e a sede do Cruz. Mas desde que as notícias encheram os jornais que o clube aguarda que as promessas políticas tenham alguma seriedade. Em 1997, recorde-se, o Jornal de Notícias noticiava que a Câmara Municipal do Porto, então dirigida por Fernando Gomes, iria finalmente proceder, na Areosa, à demolição de 40 barracas, de forma a iniciar uma "*autêntica revolução urbanística na zona*".

Essa demolição, acentuava-se, iria possibilitar a construção de um conjunto de infra-estruturas pedidas há muito pela população local, entre as quais as instalações do clube do Outeiro: "*O Sporting Clube da Cruz vai finalmente dispor de instalações desportivas adequadas*", anunciava o periódico a 18 de Abril, referindo tratar-se de "*uma autêntica revolução para um dos mais antigos clubes desportivos da freguesia de Paranhos*". Mais a mais, dava a conhecer, porque "*a orientação do campo será alterada devido à abertura a poente de um novo arruamento. E serão construídas bancadas e balneários, permitindo ao Sporting da Cruz, como é conhecido na freguesia, dar condições condignas as centenas de desportistas que utilizam aquelas instalações*". Mas o campo de jogos, que faz parte do Plano Director Municipal há anos, ainda não saiu do papel.

"*As actuais instalações são muito insuficientes e sem qualquer tipo de condições*", revela Hélder Pereira. "*Têm mais de 80 anos. Foram construídas pelo clube em 1927, em terrenos arrendados para esse efeito. As novas instalações já estão pensadas pela autarquia há cerca de dez anos. Há inclusive um projecto mandado executar pela Câmara Municipal do Porto*". E no ar um eterno silencio: "*Os actuais corpos gerentes têm vindo, desde há três anos, a insistir e a sensibilizar a câmara para a necessidade urgente desta obra. Esta direcção já teve recentemente duas reuniões e obteve o compromisso das pessoas responsáveis, nomeadamente dos senhores vereadores, que as futuras instalações desportivas fazem parte do PDM, que a sua localização definitiva apenas estava pendente da apresentação final do plano de pormenor previsto para a Areosa, que até ao final do ano o clube vai ter os seus terrenos para desenvolver o seu projecto*".

A construção de instalações condignas que possibilitem a prática do desporto à comunidade local e possam, de futuro, abrigar uma IPSS ou mesmo um ATL para os mais jovens, é fulcral para o desenvolvimento da área social que a actual direcção do Cruz quer implementar e dinamizar no clube. "*Embora o direito à prática desportiva seja um direito garantido constitucionalmente, a verdade é que isso não acontece*", afirma Hélder Pereira. "*Efectivamente o Sporting Clube da Cruz presta um enorme serviço à comunidade onde está inserido, permitindo que muitas dezenas de jovens, anualmente, tenham as portas abertas no Cruz para poderem praticar desporto.*

*Sendo que muitos destes jovens atletas, grande parte dos quais crianças que residem nos diversos bairros da cidade do Porto, se não tivessem essa possibilidade passariam o seu tempo livre nas ruas, com todas as consequências adversas que daí podem resultar*". Jovens, frisa, que desfrutam do clube sem pagar "*qualquer mensalidade ou outra despesa, graças ao empenhamento, disponibilidade e trabalho, a título gracioso e sem qualquer contrapartida financeira, de todos quantos colaboram com o clube*".

Para que o Cruz possa continuar a desenvolver esta função social, informa Hélder Pereira, precisa forçosamente de ter infra-estruturas que, em primeira instância, deveriam ser apoiadas pelos órgãos competentes, uma vez que o Cruz está reconhecido, oficialmente, como "*prestador de serviços relevantes à comunidade*". O que não acontece. "*Os apoios que o Cruz tem são muito reduzidos. Vamos contando, dentro das suas possibilidades, com o apoio da Junta de Freguesia de Paranhos e de pequenos contributos individuais. Porque o apoio que na verdade deveríamos ter por parte da Câmara Municipal do Porto simplesmente ainda não existe. E todos os projectos que esta instituição tem de apoio à comunidade residente nas infra-estruturas sociais existentes aqui em redor só serão possíveis, como se sabe, mediante o apoio e o empenhamento da autarquia*". É por isso, diz desconsolado, que "*às vezes dá vontade de desistir…mas quando vejo a carinha dos miúdos…*". É o suficiente para o fazer continuar: "*O dinheiro vai aparecendo de alguma forma. Nenhum director recebe dinheiro pelo trabalho que desempenha, pelo contrário, ainda contribui e muito. Já investimos nesta casa milhares de euros*".

Só no último ano, menciona Hélder Pereira, os primeiros resultados observados nas instalações do Cruz foram graças ao empenhamento da direcção, que custeou do seu próprio bolso a compra de novos equipamentos, a construção dos balneários, do posto médico, da sala sede onde hoje estão expostos os troféus que durante anos estiveram encaixotados. "*Desde que apresentamos a nossa candidatura que se deu início a algumas obras de melhoramento das instalações. Mas há imenso para fazer. Deveríamos ter um novo posto médico, arejado, com todas as condições que os atletas precisam, devíamos ter de igual modo uns balneários dignos, devíamos conseguir substituir duas carrinhas que têm mais de 20 anos e que estão paradas porque já não oferecem condições de segurança para o transporte dos jovens atletas*". Vale aos miúdos

a boa vontade de Hélder Pereira, dos formadores das Escolinhas e de alguns, poucos, pais que fazem dos seus próprios carros pessoais veículos de transporte das crianças.

"*Temos tantos projectos para o Sporting Clube da Cruz*", enumera Hélder Pereira: "*O mais importante, no entanto, é aquele que pedimos há décadas: a construção das novas instalações que nos permitam acolher, receber e dar condições, a todos quantos nos batem à porta para poder praticar desporto e que, infelizmente, não podemos receber, actualmente, por falta de capacidades logísticas*".

Por outro lado, confessa, "*o desenvolvimento desse projecto iria possibilitar a implementação e a realização de novos sonhos, como a criação de uma IPSS, de salas de apoio ao estudo dos mais jovens e um ATL para ocupação dos tempos livres, desde que saem da escola, até que comecem os treinos. Para os pais trabalhadores, que cada vez trabalham mais e têm menos tempo, certamente que esta realidade seria um sonho, uma vez que os seus filhos deixariam de estar nas ruas e estariam num ambiente seguro, de crescimento e de cidadania*". De igual modo, complementa, seria também possível pensar nos avós destes jovens, criando um centro de convívio. "*E assim poderíamos ter condições físicas e morais que permitissem o envolvimento entre gerações, desde avós a netos, porque é nossa convicção que a sociedade só teria a ganhar com isso*".

Durante todos estes anos em que o Cruz implorou por apoios, declara Hélder Pereira, "*os clubes dos concelhos limítrofes viram os seus parques desportivos renovados e com campos sintéticos, o que lhes permitiu melhores condições para a prática desportiva. Queremos acreditar que isso também vai acontecer com o Cruz muito brevemente, nomeadamente para que os nossos jovens possam competir em igualdade de condições e não pareçam filhos de um Deus menor*".

## As instalações

O Sporting Clube da Cruz dispõe de instalações próprias, embora precárias, construídas em terrenos arrendados, muito próximos do nó da A3 com a via de Cintura Interna, localizados numa das áreas mais carenciadas da freguesia de Paranhos. O conjunto integra, na base, uns modestos balneários, um pequeno posto médico, umas casas de banho, uma lavandaria reduzida e uma garagem que também serve para local de arrumações. No piso superior há uma pequena sala de troféus que a direcção usa para reuniões.

Com uma pequena bancada coberta, o campo de futebol, com as medidas de 90x45, continua a ser de terra batida. Recorde-se que o campo foi pela primeira vez arrendado ao clube em 1927, pelo então proprietário Daniel Santos. Actualmente é das únicas infra-estruturas de onde o Cruz consegue tirar alguns dividendos para custear as modalidades que desenvolve.

# Pesquisas e Fontes de Informação

## Boletins


O Ferróbico, Boletim do Sporting Clube da Cruz, Ano I, Número I, Maio de 1993, Porto

O Ferróbico, Boletim do Sporting Clube da Cruz, Ano II, Número 2, Novembro de 2006, Porto

O Ferróbico, Boletim do Sporting Clube da Cruz, Ano II, Número 4, Janeiro de 2007, porto

Jornais

Diário do Norte, "O caso Progresso-Sporting da Cruz, a direcção do Sporting Clube da Cruz justifica a sua atitude", 17 de Março de 1960

Diário do Norte, "O caso Progresso-Sporting da Cruz, resposta da direcção do Sport Progresso", 20 de Março de 1960

Diário do Norte, "ainda o caso Progresso-Cruz, a direcção do Sporting Clube da Cruz responde ao comunicado do Sport progresso", 23 de Março de 1960

O Comércio do Porto, "SP. Da Cruz 6, Grijó 0", 9 de Julho de 1973

Jornal de Notícias, "Cruz ascendeu ao Outeiro imediato, crucificada a manutenção do Grijó na I Divisão", 9 de Julho de 1973

O Norte Desportivo, "Sporting Clube da Cruz, querer é poder, ou o regresso ao lugar próprio, 12 de Julho de 1973

Jornal de Notícias, "Cruz: animadora situação financeira", 17 de Novembro de 1973

Jornal de Notícias, "Sururu no Amial, só durou 45 minutos o Progresso-Cruz", 24 de Dezembro de 1973, pág. 12

Diário de Notícias, "Serve o desporto há 58 anos, Sporting da Cruz à espera de auxílios", 20 de Setembro de 1977

O Primeiro de Janeiro, "Os novos corpos gerentes do Sporting Clube da Cruz", 18 de Julho de 1978

Notícias da Tarde, "Sporting da Cruz pobre mas digno", 22 de Novembro de 1983, pág. 2

O Norte Desportivo, "Face a acusações do Sporting Clube da Cruz, árbitro Emílio Soares repõe a sua verdade", 26 de Novembro de 1983

Jornal de Notícias, "Dirigentes querem andar em frente, Cruz: Investir no futuro e preservar o presente", 29 de Novembro de 1983, pag. 15

Diário de Notícias, "Fumo branco à sétima tentativa, Cruz: reeleição de João Geraldo", 17 de Agosto de 1988

Diário de Notícias, "Cruz veta árbitro do jogo com o Canelas", 6 de Novembro de 1988

Comércio do Porto, "Canelas em Cruz não terminaram o jogo", 7 de Novembro de 1988

Comércio do Porto, "Decisão anunciada em comunicado após o jogo com o Canelas, direcção do SC Cruz vetou o árbitro Silva Mendes", 9 de Novembro de 1988

Jornal de Notícias, "Após a subida à 1º Divisão portuense Sporting Clube da Cruz aposta na permanência", 22 de Agosto de 1989

Gazeta dos Desportos, "Sporting da Cruz 71 anos de sofrimento…", 11 de Fevereiro de 1991, pag. V

Pedras Vivas, "Clubes pequenos e suas aspirações Sporting Clube da Cruz: Juventude e Desporto", Maio de 1991, última.

Festival Jornal, "Sporting Clube da Cruz, Comemorações do 73º aniversário encerradas com animado jantar", 11 de Novembro de 1992

Pedras Vivas, "Sporting Clube da Cruz (Bodas de Diamante)", Abril de 1994, pág. 10

Jornal de Notícias, "Cruz não perde no seu

campo há 25 meses", 16 de Dezembro de 1994
Jornal de Notícias, "Vão ser hoje demolidas quarenta barracas na Areosa, construção da C+S vai revolucionar urbanisticamente a zona e até o campo do Cruz vai mudar de sentido", 18 de Abril de 1997
Jornal de Notícias, "Sporting Cruz de volta ao segundo lugar", 6 de Fevereiro de 2006
O Norte Desportivo, "Hélder pereira é o novo presidente da direcção do Cruz Fazer 90 anos na casa nova", 28 de Junho de 2008
Diário de Notícias, "Não estamos cá pelo futebol", 2 de Janeiro de 2009

## Estudos

"Instalações sociais no associativismo desportivo. Equívoco ou Realidade?, de Francisco Teixeira Homem, Mestrado em Ciências do Desporto, FCDEF, Universidade do Porto, 14 pp

## Entrevistas

Adriano Nunes Cardoso, sócio nº 213, nascido a 20 de Abril de 1938 em Paranhos
Alcides Horta, sócio nº 99, nascido a 15 de Agosto de 1947 em Viana do Castelo, vice-presidente das actividades culturais e delegado na Associação de Futebol do Porto
António da Silva Sales, sócio nº 4, nascido a 6 de Outubro de 1935 em Paranhos, antigo director
Bruno Pereira, sócio nº 95, nascido em 1990 em Paranhos
Hélder Pereira, sócio nº159, nascido a 15 de Março de 1964 em Vila Real, presidente da direcção
João Ibraim Geraldes, sócio nº 11, nascido em 1947 em Paranhos
Waldemar Azevedo, nascido em 1935 em Paranhos, antigo director
Filipe Marques, nascido a 26 de Junho de 1979 em Paranhos, treinador das Escolinhas

## Arquivos particulares

Alcides Horta, sócio nº 99
Fernando Campos de Castro, encenador do Grupo Cénico do Cruz
João Ibraim Geraldes, sócio nº 11
Waldemar Azevedo

## Sites consultados

http://www.j-f.org/monografia/pagina14.htm - SIGI Autarquias, Junta de Freguesia de Paranhos, "O cerco do Porto na Freguesia", consultado em 24 de Abril de 2009
http://www.jfparanhos-porto.org/gca/index.php?id=104 – Junta de Freguesia de Paranhos, vários, consultado em 24 Abril de 2009
www.25abril.org – "O movimento associativo popular e a democracia", texto de Artur Martins – consultado em 24 de Abril de 2009
http://www.idesporto.pt/ , História do Futebol, consultado em 15 de Maio de 2009
http://www.sobre.com.pt/historia-do-futebol-

em-portugal - História do Futebol, consultado em 11 de Maio de 2009
http://dn.sapo.pt/Common/print.aspx?content_id=1138361 – consultado em 11 de Maio de 2009
http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/399.pdf - O "brasileiro de torna viagens" e o lugar do Brasil em Portugal, Igor José de Renó Machado, artigo publicado na revista estudos Históricos 2005, consultado em 14 de Maio de 2009
www.fpd.pt – consultado em 14 de Maio de 2009

## Outras fontes

Comunicado do Sporting Clube da Cruz de 6 de Novembro de 1988
Decreto-lei nº 460/77 de 7 de Novembro
Decreto-Lei n.º 391/2007 de 13 de Dezembro
Diário da República nº 391/2007
Escritura de constituição da Associação Sporting Clube da Cruz, de 13 de Outubro de 1982
Escritura de alteração parcial de Estatutos do Sporting Clube da Cruz, de 30 de Dezembro de 1982
Instituto Nacional de Estatística, Futebol, Outubro de 1941

**Sporting Clube da Cruz**
Rua Fonte do Outeiro, 521
4200-353 Porto
Tel. 225 508 041
sportingclubedacruz@gmail.com
www.sportingclubdacruz.pt